



Ex Libris Ludwig Lauerhass, Jr.



Stanford University Libraries

VIDA E FEITOS



DO D.^r SEMANA

Segunda edição.

VIDA E FEITOS

DO

DR. SEMANA

OBRA IMPARCIALMENTE ESCRIPTA PELO

SEU MOLEQUE -

E

Premiada pelo Conselho de Instrucção Publica.

Cantando espalharei por toda a parte
Se a tanto me ajudar engenho e arte.

CAMÕES.—*Lusiadas*.

RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA DO IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO

Rua da Constituição ns. 1 e 6.

1870.



DEDICATORIA.



Meo Nhonhô.

São tantos, e tão importantes os favores, que de vós tenho recebido, que para pagar-vos a divida immensa de gratidão, em que o meo coração está empenhado, seria preciso que eu possuisse os inexgotaveis thesouros da vossa amabilidade, retribuindo com iguaes finezas, as finezas que me tendes prodigalisado.

Educado por vós, gosando a placida ventura da vida conjugal ao lado da Negrinha, e pae enternecido de uma prole, que promette immortalisar meo nome, occorre-me fazer-vos a surpresa de escrever a vossa biographia, em signal do meo reconhecimento.

Sei quanto a vossa recatada modestia soffrerá vendo estampadas as phases de vossa vida; mas poude mais a minha gratidão do que o temor de vos desagradar.

Conhecendo a justa importancia social, de que gozaes, e o geral desejo que ha de saber-se a vossa historia, quiz erigir-vos um monumento.

Felizmente não tenho que pedir licença á Illustrissima, nem encarregar a estatuario algum de vos fundir em ferro, ou bronze: é mais perduravel a materia, de que me sirvo.

Não ficareis exposto aos rigores das intemperies, nem immovel no centro de qualquer praça; mas na bibliotheca do sabio, na desordenada meza de estudo do homem de letras, no balcão do mercador, na banca do medico e do advogado, na officina do artista, junto do breviario do sacerdote, na carteira do banqueiro, na camara do embarcadiço, na mala do viajante, na mochila do soldado, na algibeira do estudante, na cella do frade, na mimosa caixa de costura das damas, finalmente nas

mãos de todos quantos habitam a terra de Santa Cruz
tereis um lugar de honra, e de estima.

Esta idéa consoladora animou-me a tão momentoso
commettimento. Oxalá que ao meo nobre intento cor-
responda um tal resultado.

O vosso moleque, a casta negrinha, e os pecurruchos
pedem ao céo que por dilatados annos conserve a vossa
existencia para alegria dos vossos amigos, e felicidade
do vosso

MOLEQUE.

Março, 1870.

INDICE.

CAPITULO I.

Nascimento do Dr. Semana : seus—ascendentes.—O Dr. Semana é cosmopolita : sua vasta intelligencia e saber. — Suas qualidades moraes. — O Dr. Semana não é um mytho.— O seu modo de trajar.—O seu alfaiate é especial 1

CAPITULO II.

Como faz o Dr. Semana o seu *toilette* : elle acredita em tudo quanto os jornaes annunciam a respeito da excellencia de perfumes e cosmeticos. — essencia particular, de que usa o Dr. Semana. — A cabelleira do Dr. Semana.— Qual a razão, por que se chama Semana 6

CAPITULO III.

Razões por que o Dr. Semana nunca poude ser ministro.— Viagens do Dr. Semana. — Sua residencia em Atlantide, paiz julgado até hoje imaginario 11

CAPITULO IV.

Naufragio do Dr. Semana voltando da Cochinchina. Sua salvação em um navio de nação, que lhe era desconhecida. O navio aporta á Atlantide. Descripção physica deste paiz.— Qualidades do seo monarcha 16

CAPITULO V.

O povo de Atlantide e seus governantes.—O Dr. Semana quasi morre esmagado por um soldado de cavallaria.— Uma partida de xadrez, jogada pelo Dr. Semana e o Rei de Atlantide . . . 21

CAPITULO VI.

Admiraveis contradicções dos cidadãos de Atlantide, na theoria e pratica da sua vida social. — A reputação de sabio em Atlantide. — Emprego dispartado das vocações.—O titulo de bacharel em direito 26

CAPITULO VII.

Poder sobrenatural que exerce a ignorancia, e até a estupidez sobre os homens illustrados, e intelligentes de Atlantide. Companhia do monarcha — Escolha de ministros.—A politica de Atlantide.—A municipalidade.— Os dous unicos merecimentos reaes em Atlantide 31

CAPITULO VIII.

- Experiencia na formação dos ministros. — Um ministro que não sabe arranjar a roupa nos bahús. — *Qui-pro-quo* entre o Dr. Semana e um Presidente de Provincia. 36

CAPITULO IX.

- Transformação rapida e espantosa da miseria em opulencia. — A moeda falsa. — Felicidade prodigiosa para todos os estrangeiros. — Commercio a retalho 42

CAPITULO X.

- O recrutamento em Atlantide. — O valor que tem o merito em Atlantide, O patronato. — As cartas de empenho. — Modo pelo qual se obtem assombrosa reputação de sabio em Atlantide — A colonisação. 50

CAPITULO XI.

- O espirito, que preside á governação de Atlantide. — Falsseamento do systema politico. — Argucias de interpretação das leis, e manifesta desobediencia a ellas. — Liberdade de imprensa 57

CAPITULO XII.

- A guarda nacional. — Uma digressão ainda sobre a instrucção publica. 66

CAPITULO XIII.

- A liberdade do culto. — A industria. — O espirito de associação. — Péas que o governo lhe impõe. 78

CAPITULO XIV.

- As condecorações e titulos de nobreza em Atlantide. 82

CAPITULO XV.

- Guerra sustentada por Atlantide com um paiz semi-barbaro, limitrophe de algumas de suas provincias. — Victoria de Atlantide 90

CAPITULO XVI.

- A revolução é infallivel. — Carta do Dr. Semana ao rei de Atlantide 96

CAPITULO XVII.

- O Dr. Semana sabe de Atlantide em um balão, e vem cahir no Brasil 113

VIDA E FEITOS

DO

DR. SEMANA

VIDA E FEITOS DO DR. SEMANA.

CAPITULO I.

Nascimento do Dr. Semana : seus—ascendentes.—O Dr. Semana é cosmopolita: sua vasta intelligencia e saber.—Suas qualidades moraes.—O Dr. Semana não é um mytho.—O seu modo de trajar.—O seu alfaiate é especial.

E' um mysterio o nascimento do Dr. Semana: entretanto consta (este *consta* quer dizer — é certo) que descende este homem excepcional de nobilissimos progenitores, cujo sangue é da côr do mais lindo azul da *Prussia*.— A data do seo nascimento ninguem a sabe; não porque elle a exemplo de algum velho titular com pretenções de moço a tenha de proposito occultado. Outra e mais elevada é a causa deste segredo,

Parece que esse dia, em que a humanidade vio nascer um tal portento, recorda uma data celebre nos annaes do mundo; e o calculado doutor para evitar comparações, e combinações cabalisticas a ninguem declara quando é o seo anniversario natalicio.

Se o dia do seo nascimento é uma incognita, que a Mathematica não descobrirá jámais, profunda noite igualmente vela a petria do Dr. Semana.

Como Socrates elle diz que a patria é o paiz, em que se está bem: é cosmopolita, mas não beduino, nem nomade.

Entretanto quasi todos os paizes notaveis do mundo disputam a gloria de ser o ninho deste ser privilegiado. De Homero queriam sete cidades ter a honra de ser o berço; do Dr. Semana as principaes cidades das cinco partes do globo porfiam em ser sua patria!

Muitos sabios insistem em dizer que elle nasceo no Brazil...

Mas o Dr. Semana não nasceo... a sua existencia, o seo apparecimento no mundo é um phenomeno; não se explica. Já vistes, leitor, como [por entre os milhares de milhões de nomes surge de repente um nome; que vae sendo repetido de bocca em bocca, e logo depois sabe-se que pertence a um individuo, que sahe eleito deputado, e d'ahi a nada presidente de provincia, e após vem na lista triplice, é escolhido senador, faz opposição, e passa a ser Ministro de Estado, ficando desde logo Estadista consumado?— Pois é pouco mais ou menos o

que succede com o Dr. Semana. Ninguém sabe onde nasceu, em que dia veio ao mundo; mas: elle apparece na alta sociedade, figura, impõe respeito, etc., etc.

Ha contudo uma grande differença, que vem a ser a seguinte: o Dr. Semana não é um *parvenu*, mas um homem, ou para melhor dizer, um ente quasi sobranatural, versado em todos os idiomas, conhecedor de todas as sciencias, e artes (até mesmo as artes de berliques e berloques).

Nem Mithridates entre os antigos, nem o cardeal Mezzofanti entre os modernos sabem mais linguas que o encyclopedico doutor: todos os dictionarios conhecidos tem sido por elle emendados, e no numero desses o Dictionario das flôres. Entre as obras, que tem agora em mãos, ayulta um trabalho para o collegio de Pedro II sobre as raizes *arabicas*, e *indigenas* que dizem será offerecido ao joven Paulino;

Obra, que se elle acabar,
Feliz do genero humano.

Dotado de um coração sensível, capaz de enthusiasmo e das mais generosas acções, seu espirito vivaz e penetrante excede tudo quanto se pôde imaginar de pilherico e humoristico.

Quem vir esta discripção, talvez julgue que o celebre doutor não passa de um mytho; que não tem uma realidade palpavel e tangivel.

Para a maior confusão de nossas mediocres individua-

lidades, é força declarar que o Dr. Semana pôde dizer com Tenencio :

Homo sum ; nihil humani a me alienum puto, o que em trócos miudos, (cartões de *bonds* e *barcas*) quer dizer : *Sou homem de carne e osso, tão bom como outro qual-quer filho de Adão.*

Seo physico, quasi como o de Protheo, adapta-sé a todos os feitos. Por esta singular faculdade, que tam-
bem lhe corresponde no moral, é o homem mais proprio para actor do drama politico brasileiro.

Quando é myster humilha-se como um candidato ; mas si as circumstancias o exigem, impertiga-se como um deputado pela primeira vez eleito.

Falla a verdade, como, como... na actualidade é difficil achar um termo para esta comparação ; por isso desculpe o leitor si ainda recorremos ao sedição e rançoso exemplo do Epaminondas Mhebano (por que ha outros Epaminondas, que não são Tebanos).

Sabe mentir a proposito, como um diplomata, como um parlamentar, como qualquer funcionario de importancia aqui abundam felizmente os termos para a comparação). Tem uma mania notavel : trajar com esmero : mais niuguem sabe quem é o seo alfaiate.

Milhares de empenhos tem havido da parte de todas essas celebridades alfaiaticas da rua do Ouvidor, cujas thesouras se intitulam as melhores do globo, para lhe fornecerem roupa ; porém o Dr. Semana é inexoravel : não tem cedido a empenho algum.

Cabe aqui referir um facto, cuja authenticidade é tão valiosa, como uma acta de eleições politicas. Eil-o: por diversas vezes alguns deputados, senadores e até ministros de estado pediram ao Dr. Semana que mandasse fazer roupa no alfaiate, de que cada um dos patronos era freguez.

O Dr. Semana com aquella graça e amabilidade habitual, que tanto o distinguem, a cada um por sua vez dava a mesma resposta: „ Não duvido da pericia artistica, e gosto apurado do seo alfaiate; mas noto que as casacas que faz viram-se com muita facilidade.“

CAPITULO II.

Como faz o Dr. Semana o seu *toilette*: elle acredita em tudo quanto os jornaes annunciam a respeito da excellencia de perfumes e cosmeticos.—Essencia particular, de que usa o Dr. Semana.— A cabelleira do Dr. Semana.—Qual a razão, por que se chama Semana.

Continuando ainda a descripção do meu Nhonhô devo dizer que se é rigoroso no vestuario, não o é menos no seu tocador. Tudo quanto as *Bichas Montros* annunciam de maravilhoso para a formosura do rosto, elle possui; e quanto á agua florida de Murray & Lamann é sem contestação o maior consumidor, chegando a gastar cento e cinquenta tonéis (para mais e não para menos) desta prodigiosa agua, que a todas as virtudes cosmeticas reúne a efficacia curativa de todas as molestias.

Dotado da boa fé, e credulidade, que é o característico dos homens deste seculo, o Dr. Semana ao ler os milhares de annuncios que apregoam *urbi et orbi* as virtudes desta agua miraculosa, começou desde logo a fazer uso della pelo modo, por que dito fica.

Quanto aos oleos, pommadas e tudo quanto diz respeito á perfumaria, não usa o Doutor dessas famigeradas essencias de Pinaud, Rimmel, *et cetera*; mas como perfume especial, e preservativo de toda a casta de epidemias, fornece-se de uma essencia preparada em casas particulares.

São seus fornecedores deste genero os guardas-fiscaes de algumas freguezias, que accrescentam aos seus pequenos ordenados municipaes os proventos desta industria, distillando e preparando perfumes e essencias do mais subtil e delicioso aroma, extrahidas dos residuos que encontram em sua diaria peregrinação.

O nome, que o Dr. Semana poz a esta essencia, é *Municipalina*. Para quem não está habituado, este perfume é repugnante, causa nauseas, e até vomitos; o habito porém de respiral-o faz desaparecer esta inconveniente.

Pelo que tem sido exposto não poderá o leitor conhecer bem, ao menos physicamente, o Dr. Semana.

Apartando-me dessa tão trilhada vereda seguida por grande numero de historiadores e biographos, não farei, como Suetonio, o retrato corporal do Doutor, por que tão transitorias e caducas são as vantagens physicas,

que tratando-se de um homem de superior hierarchia, parece que se amesquinaria o seo valor, descrevendo-se miudamente os dotes do corpo.

Não obstante, ha no Dr. Semana alguma cousa, que lhe dá, por assim dizer, um typo especial ; que fórma o seo caracterisco, um signal distinctivo, que o fará logo discriminar de qualquer outro humilde mortal : é a sua cabelleira !...

Esta basta coma, que fluctua em encaracollados aneis ao fagueiro sopro das brisas, e que ás vezes tambem se erriça estrugidora como o arvoredado de uma floresta virgem açoutada pelas lufadas do vendaval, é uma cabelleira historica.

Permitta aqui o leitor uma reflexão philologica sobre o termo *cabelleira*. E' este vocabulo empregado por mim na sua natural e genuina significação, e não como synonymo de *carraspana*: não julgue o leitor superflua esta advertencia por que podia bem succeder que eu fosse mal interpretado, e se attribuisse a expressão — *cabelleira historica* — por exemplo, á bebedeira de Alexandre, ou de outro heróe vinicola ; e eu respeito profundamente Alexandre Magno e a sua memoria ! Oxalá que ao menos se fabricassem hoje espadas, como aquella, com que elle cortou o *nó gordio* !

Ha que tempo que se teria cortado o *nó paraguay* !...

Mas tornando á famosa coma do Doutor, devo referir o que a respeito della se diz, visto que a appellidei — *cabelleira historica*.

Não foi por certo o tonico oriental de Kemp, cujos effeitos é de todos conhecido o que concorreo para a existencia desta negrejante mata virgem. Diz-se que esta cabelleira foi feita dos cabellos de Sansão no momento mesmo, em que acabavam de ser cortados por Dhalila !...

Um dos ascendentes do A. Claude preparou então o magnifico chinó ; e ha quem attribua todo este phenomenal e espantoso poder do Dr. Semana á influencia daquelles cabellos, que dando ao seo primeiro possuidor a força physica, mudando de dono trocaram aquella virtude pela de infundirem no novo proprietario uma força moral, e um tal vigor de intelligencia, e imaginação, que faz a admiração de quantos o conhecem. Alguns commentadores ajuntam, que sendo immensa a quantidade dos cabellos de Sansão, um cabellereiro da *Bohemia* aproveitou uma porção, e tractando de imitar a cabelleira do Dr. Semana, preparou outra semelhante, a qual por ser já muito velha, e estar toda encanecida, servio muitas vezes nas *danças de velhos*, e foi finalmente comprada por um director de instrucção publica provincial.

Esta opinião não é de todo sem fundamento, por que parece que ainda, e sómente á influencia dos cabellos, que pertenceram a Sansão, deve esse herculeo director da força descommunal de sustentar uma meia duzia de pingues empregos, cada qual mais differente um do outro !..

Feita a apresentação physica e moral do Dr. Semana, resta-me ainda explicar a razão de seo nome. Tudo nesta personagem é rodeado de mysterio!...

Por que se chamará Semana? Um nome apparentemente tão simples para um ente realmente tão admiravel?!...

Eis como explicam o facto algumas cartomantes, que em pleno exercicio de seos sybillinos oraculos, e confundindo a philosophia do seculo e a civilisação, fazem as delicias da corte do Imperio de Santa Cruz.

Aos sete dias da semana presidem os planetas—*Luna, Mars, Mercurius, Jupiter, Venus, Saturnos, Sol*: todos estes astres per tanto influenciam o Doutor, que tem a intelligencia brilhante como o *Sol*, o coração votado á *Venus*, o animo bellicoso de *Marte*, a astucia, pericia, sciencia, facundia, artes e industria de *Mercurio*, a força de *Jupiter*, a castidade de Diana (*Luna*) e a severa austeridade de *Saturno* !!!...

CÁPITULO III.

Razões por que o Dr. Semana nunca poude ser ministro.— Viagens do Dr. Semana.— Sua residencia em Atlantide, paiz julgado até hoje imaginario.

Nos capitulos antecedentes fiz um ligeiro esboço daquelle, a quem devo a minha apurada educação: descrevi seus elevados dotes, e até o seu notavel caracteristico physico, quero dizer, a sua cabelleira historica.

Descrevendo assim o meo amavel Nhonhô, bem vêem os queridos leitores que tive todo o cuidado em não lhe *arrancar a cabelleira*, como era necessario que a muita gente se fizesse.

Agora vou entrar em mais arduo trabalho, porque começa justamente aqui a tarefa de narrar as grandes calamidades, por que passou o Dr. Semana.

Vós, amaveis leitores, que o conheceis tão folgasão, que admiraes sempre o seo sereno semblante, ainda no meio das mais dolorosas calamidades, não penseis que o meo Nhonhô se assemelha a esses dignos varões repletos de honras e de pingues ordenados, que ao ouvirem os justos clamores, e sentidas queixas de um pobre empregado, ou faminto operario, faz uma careta hypocrita, e com a rara pericia de actor amestrado no jogo physiognomico, acompanhá com voz fingidamente chorosa os males da patria em geral, e os de cada cidadão em particular: não, o meo Nhonhô pela sua rude franqueza, por servir-se da palavra para exprimir e não para occultar o seo verdadeiro pensamento, não pertence aos tempos de hoje.

E' por esta singular, e rarissima qualidade, que o Dr. Semana nunca pode ser ministro, nem funcionario de ordem elevada.

E' tambem em virtude de um defeito organico do seo esophago, e de seo delicado estomago, que taes dignidades nunca foram por elle exercidas.

Este personagem tão celebre a tantos respeitos o é ainda por este vicio de conformação: engasga-se com muita facilidade, e só ingere o que é verdadeiramente digerivel. O seo succo gastrico não tem a força digestiva dos buchos de ema, e de outras aves que podem comer até os metaes ainda os mais rigidos!...

Como o piedoso Eneas poderia elle dizer de si mesmó:

.... *multum terris jactatus et alto*

o que passo já a traduzir, porque ufano-me de ter sido aprovado nos exames geraes *sem auxilio de Diccionario, que afinal descobrio-se ser um livro inutil e até prejudicial para a traducção das linguas*; e lá vae a traducção:

.... Vio cousas do arco da velha tanto por mar, como por terra.

O Dr. Semana viajou o globo inteiro, tocou os limites do mundo, e

„Se mais mundo houvera, lá chegara.“

Não penseis, porém, amabilissimos leitores, que vos hei de agora aborrecer contando tudo quanto elle vio, e admirou na Europa, Asia, Africa, America e Oceania.

Qual de vós não terá lido descripções de viajantes, que por todas essas partes peregrinaram, enchendo de maior ou menor numero de fabulas as paginas de seos immensos volumes?

Que interesse poderia inspirar-vos a narraçáo de tudo quanto se passa nos paizes mais notaveis desses cinco gommos desta desmesurada laranja, quando tudo está por ahi escripto, e estampado com a maior profusão?

O meo Nhonhô, que, como já vos disse, falla todas as linguas, sabe perfeitamente os usos e costumens de todas essas nações.

A historia particular de cada uma dellas é-lhe tão conhecida, como a historia da sua propria vida: os per-

sonagens, que nella figuram, foram muitas vezes seus familiares interlocutores.

O que porém não sabeis é que elle habitou longo tempo a famosa *Atlantide*, esse continente, que, dizem os incredulos, fôra sonhado por Platão.

Este ponto controverso da geographia deixou de sel-o agora; e é ao Dr. Semana, que os sabios deverão a certeza da existencia dessa terra prodigiosa, que até aqui passava por uma chymera.

Conserva o Dr. Semana em sua vasta e rica bibliotheca um mappa desse immenso paiz, com o qual, se algum dia o quizer publicar, dará um quinão no Atlas do Dr. Candido Mendes.

Perde-se na noite dos tempos a origem desse paiz; ninguem sabe ao certo d'onde procedem os seus primitivos habitantes, e tão enredada é a sua ethnographia, que só os Membros do Instituto Historico poderiam elucidar a questão.

Já se vê portanto que bem longe estou de pretender discutir este ponto, por me faltarem habilitações precisas: o que farei será descrever, como puder, a riqueza, e uberdade de seo solo, as magnificencias de sua natureza, porque o meo Nhonhô muitas vezes me tem referido essas maravilhas.

Se o meo estylo não fôr condigno ao elevado assumpto, em compensação a verdade historica será sem exemplo no mundo litterario.

Expondo sem malicia e fielmente o que o meo Nhonhô

tantas vezes me tem contado, a mim cabe dizer com mais propriedade do que a Tacito, que relatarei a historia e os factos desse paiz *sem odio e sem affeição*.

CAPITULO IV.

**Naufragio do Dr. Semana voltando da Cochinchina.—Sua salvação em um navio de nação, que lhe era desconhecida.—O navio aperta á Atlantide.
—Descripção physica deste paiz.—Qualidades do seo monarcha.**

Contou-me o meo Nhonhô que em uma de suas viagens, ao voltar da Cochinchina, accossado o navio por um grande temporal, naufragára, e, quando já desvanecia-se-lhe a esperança de salvação, eis apparece uma embarcação, que o tomou a seo bordo.

Rendendo graças á Providencia divina em primeiro lugar, e agradecendo depois a salvação, que lhe acabava de dar o commandante daquelle navio, achou-se o naufrago um pouco embaraçado por desconhecer a lingua que fallavam os seos salvadores.

Instruido porém, como é, em tantos idiomas, versado

em tantas sciencias; e dotado da elevada intelligencia, e penetração, que todos lhes reconhecem, facil lhe foi em poucos dias aprender a nova lingua, e fallar-a quasi tão perfeitamente, como os seus desconhecidos compa-
nheiros.

Velejando o navio, e tomando rumo, que para o meo Nhonhô era desconhecido, passado quasi um mez de prospera viagem, surgiu no mais lindo porto do mundo.

Ao ver a vastidão, e bellas naturaes de tão pitto-
resca bahia, lembrou-se de Constantinopla; porém mil ou-
tras circumstancias dissuadiam-no de estar na Turquia.

A lingua, os usos, costumes e progressos materiaes, que em tudo observava, diziam-lhe claramente que não era na terra dos adoradores de Mahomet que o Dr. Se-
mana se achava.

Ao contrario, os symbolos religiosos indicavam que o paiz obedecia á Santa lei do Crucificado; e jámais no-
tou em cousa alguma vestigios da meia-lua, nem mesmo no céu, porque essa noite foi de lua cheia.

Já durante a viagem, e pelo pasmoso talento linguis-
tico, ou linguarudo do meo Nhonhô, foi-se elle infor-
mando do paiz, a que pertencia o navio, e seus tripou-
lantes.

Nas longas horas de serenas noites, entretido com o
commandante, referia-lhe este mais ou menos confusa-
mente diversos episodios da historia patria, que des-
pertaram no seo interlocutor vivo interesse.

Foi assim que elle veio a saber que os aborigenes de Atlantide foram descobertos por viajantes, que ali casualmente abicaram impellidos por uma tempestade.

Conquistado o paiz por esses navegantes, alguns seculos jazeu sob o dominio dos conquistadores, até que por conveniencias politicas de um Principe pertencente á nação invasora, proclamou este a emancipação, e foi coroado monarcha desse reino.

Poucos annos depois, conhecendo os nacionaes que mais illusoria do que real era essa independencia, uniram-se, e obrigaram ao fundador da sua autonomia social a retirar-se á patria.

Não ficou porém de todo firmada essa emancipação, porquanto um filho em tenra idade, e que havia nascido em Atlantide, passou a ser o elo, que prendia o primeiro ao segundo soberano.

O povo deste paiz, cheio de doçura, e capaz dos mais nobres sentimentos não quiz vingar no filho a illusoria promessa paterna; adoptou-o por pae da nação, e velou por elle durante arriscadas crises, por que passara o regio menino.

Aqui seria occasião opportuna de expôr os movimentos politicos, que occorreram nos tempos da minoridade desse, que depois veio a ser pela vontade do povo o seo monarcha. Mas, comquanto cheia de interesse seja essa phase da vida do monarcha de Atlantide, parece-me todavia que outros pontos não menos importantes devem ter preferencia.

Antes de occupar-me com o drama representado nesse vasto paiz, julgo mais a proposito fazer uma descripção geral, e perfunctoria do theatro, em que essa multipla acção se desenvolveo.

O reino de Atlantide é vastissimo; cortado de rios sem iguaes no mundo, defendido por serras alcantiladas, semeado de ilhas as mais pictorescas, e de uma fertilidade tal, que seria capaz de fornecer o sustento para o resto do mundo.

Tudo quanto ha de precioso nas entranhas da terra, o solo de Atlantide possui : o diamante, o ouro, a prata, o rubim, a esmeralda, todos os metaes emfim se encontram nas minas daquelle abençoado torrão.

A natureza é grande, magnifica, opulenta ; as arvores de suas florestas são gigantescas ; as aves de seus bosques multicores, e de mil especies causam pasmo aos naturalistas de qualquer parte do orbe. Tudo é grande, tudo é bello, tudo é sem rival nesse feracissimo continente, que é coberto pelo céu do mais limpido azul, e aquecido pelos raios do mais brilhante sol !

O meo Nhonhô não se farta nunca de recordar-se das imponentes scenas da natureza nesse paiz singular.

Já disse que o povo de Atlantide é docil, ameno, capaz de nobres acções, e o mais governavel de todo o mundo. Ainda por um favor nunca assás agradecido á Providencia, são os filhos de Atlantide talentosos, de uma imaginação vivaz, e assim como susceptiveis de bem apreciar as delicias do repouzo, igualmente capazes

do mais aturado trabalho, e soffredores dos mais desahridos rigores.

Mas obedecendo á lei, que tudo rege neste mundo sublunar, ao lado de tantos thesouros moraes, e materiaes, este paiz admiravel é victima de um encantamento !

O seo monarcha é sem contestação de bom coração, tem intelligencia, sagacidade, instrucção variada ; severo sustentador de sua dignidade pessoal, delicado, mas parece o joguete de um poder sobrenatural, que lhe insufla as mais tristes inspirações... Cheia de elementos para ser a primeira das nações, é ainda desconhecida, e até sua existencia considerada por muitos como chymérica !... Um, ou outro investigador, que sem conhecer o paiz tem escripto ácerca da famosa Atlantide, tem chegado até a dizer que essa terra é habitada por macacos !...

Para vingar tão repugnante affronta, começarei a expor tudo quanto o meo Nhonhô viu, observou e estudou nesse prodigioso continente.

CAPITULO V.

O povo de Atlantide e seus governantes.—O Dr. Semana quasi morre esmagado por um soldado de cavallaria. — Uma partida de xadrez, jogada pelo Dr. Semana e o Rei de Atlantide.

Receiando ser menos fiel na exposiçãõ dos factos, e não descrevel-os com aquella conveniencia de estylo, que elles reclamam, vou para aqui transcrever as proprias palavras do Dr. Semana tiradas dos seus apontamentos, e estudos historicos sobre a Atlantide.

.

E' um povo excepcional ; dotado de um bom senso, que causa inveja aos povos das mais cultas nações. Esquece facilmente as offensas, que lhe fazem, e dá sem

queixume, nem resistencia o seo dinheiro, e até seo sangue, quando se lhe diz que assim é necessario.

De uma obediencia passiva, crê-se éntretanto no gozo da mais plena liberdade, sómente por que o deixam fazer aquillo, que a nenhum povo se poderia negar. Soffre contente esta illusão,¹ e o seo bom senso consiste em preferir muitos gravames que não deixa de reconhecer, com o prudente receio de peiorar o seo estado. Dir-se-hia timidez, fraqueza de character ; mas não é realmente senão um instincto nobre de respeito á auctoridade.

Zombam muitas vezes delle, e de sua paciencia os seus governantes, exigindo absurdas imposições, que até por inexequiveis cahem em desuso ; mas o povo as tolera, e está prompto a cumpril-as !...

Houve tempo, em que entre o Rei, e o povo havia um abysmo: o Rei não tiuha um sorriso de attenção para quem quer fosse, exceptuados os que faziam parede nos dias solemnes: custava mesmo a corresponder aos cumprimentos das pessoas ainda as mais gradas: tudo isso influencia do tal sinistro genio !

Esse procedimento gerou desgosto, porém melhor aconselhado modificou a sua regia maneira de tractar os fieis vassallos.

Referio-me o meo Nhonhô um factu, que com elle se deo em Atlantide, e o qual com quanto pareça anedocta, é certo, e verdadeiro, como o meo Nhonhô poderá jurar.

Vindo o Dr. Semana a pé pela rua, vio-se de repente

quasi esmagado pela pata de um cavallo, que montava um soldado, ao lado do qual ia outro tambem á cavallo, e ambos com as espadas desembainhadas: o povo, os carros, tudo se afastava; seguia-se depois dos dous soldados uma carruagem a todo o galope, e uma escolta de cavallaria, de espada fóra da bainha, e á toda brida atraz do carro!

Ao ver aquelle spectaculo, assustador e ainda sobressaltado por haver escapado a uma morte ingloria, perguntou o Doutor a um natural do paiz: „E' algum criminoso de importancia, que vae assim escoltado?

— E' o rei—foi a resposta, que teve a sua muito innocente pergunta.

O rei desse paiz, diz o meo Nhonhô, que nos primeiros tempos do seo reinado não sabia quasi nunca, excepto para aquellas festas já certas e sabidas: fóra disso, passava uma vida reclusa.

O circulo, que então o rodeava, contava maravilhas do seo saber, e illustração; e tal foi a sua fama, que de sabio passou a ser tambem protector das lettras e de seos cultores; mas infelizmente pela influencia desse genio esquerdo, que parece muitas vezes desfazer-lhe as boas acções, essa protecção não é tão real como se diz, ou pelo menos não recae em quem mais a merece.

Sendo, como já mostrei, questão intrincada elucidar a origem dos primeiros habitantes de Atlantide, o rei, dado ás sciencias e lettras, formou uma sociedade scientifica, exclusivamente occupada de esquadriñar esse, e

outros pontos da historia do paiz. — Ahi estão as primeiras notabilidades da terra; e posto que a maioria dos socios não tenha jámais dado prova alguma scientifica ou litteraria, embora ha longos annos muitos delles gozem dos fóros de illustrados, e sabios, é aquelle Areopago respeitado, e tanto mais, quanto o Rei faz timbre em não falhar ás sessões.

Disse ha pouco que o monarcha de Atlantide parecia o juguete de um genio máo, que lhe insuflava tristes inspirações.

Com effeito, ninguem em Atlantide póde dizer que conta com a sincera amizade do soberano. Esse genio pernicioso, que a influencia, aconselha-o a ser de uma dissimulação, de que muitos incautos tem sido victimas.

A' força de querer parecer imparcial, cahe no extremo opposto, e não manifesta sympathia, ou affeição por quem quer que seja.

Jogava uma vez o Dr. Semana uma partida de xadrez com o soberano de Atlantide: o taboleiro era riquissimo, e os titeres do mais delicado e alvo marfim; trabalho esmeradamente feito pelos filhos do celeste imperio.

Não se surprehendam os meos leitores com este incidente, por que o meo Nhonhô em todas as partes do mundo, que tem percorrido, trava logo relações com os Principes, Reis e fidalgos da terra; e por isso quando esteve em Atlantide visitava a miudo o chefe da nação.

Estava pois, como disse, entretido nessa partida, quando chega a noticia da morte de um magnate do paiz, que durante a vida julgou-se, senão favorito, ao menos um dos da maior privança do rei.

E, circumstancia essencial deste facto que o jogo do xadrez, de que ambos se serviam naquella occasião, tinha sido um mimo feito pelo finado ao seo augusto soberano.

Ouvida a noticia, nenhum signal revelou em seo semblante o abalo, ou choque tão natural ao ouvir a nova da morte de uma pessoa conhecida.

Continuou a partida sem ter havido a menor interrupção, terminando o Dr. Semana por dar *xaque-mate* ao rei.

O Dr. Semana, cuja experiencia, illustração, e practica do mundo lhe dão sufficientes titulos para considerar-se com razão conhecedor profundo dos homens, e das cousas, confessou que, apesar de seguir a maxima da sabedoria antiga — *nihil admirari*, — ficou contudo admirado de tão estoica impassibilidade, e comprehendendo quanto alcance politico devia inferir-se daquelle facto na apparencia tão simples !

CAPITULO VI.

Admiraveis contradições dos cidadões de Atlantide na theoria e pratica da sua vida social. — A reputação de sabio em Atlantide. — Emprego disparatado das vocações.— O titulo de bacharel em direito.

Na rapida, mas verdadeira descripção de Atlantide apresentei aos olhos dos leitores esse paiz, como uma terra de maravilhas e prodigios.

Mas não é sómente no que respeita á natureza physica que esses prodigios e maravilhas se notam: na ordem moral não ha menos, porém muito mais que admirar ainda.

Fallae com cada cidadão isoladamente, conversae sobre a marcha geral dos negocios, discuti as medidas de grande alcance, que conviriam ser tomadas para fazer prosperar a nação; ouvireis a cada um por sua vez

arrasoar discreta e asisadamente: cada um delles irá além das vossas melhores intenções.

„A camara municipal, por exemplo, é frouxa, é deleixada: os verdadeiros edís devem cuidar da saude, do bem-estar, da prosperidade das cidades, sobre que velam: esta postura é iniqua, aquella outra inexequivel, etc., etc.

„Os legisladores não olham pelo bem do povo; gastam o tempo em discussões inuteis e pessoas; tudo está por fazer; entretanto este paiz tem em si immensos recursos, etc., etc.“

Estas e outras semelhantes accusações, por via de regra justissimas, ouvia muitas vezes o Dr. Semana entre as altas rodas de suas relações.

Mas, oh! prodigio! oh! maravilha! muitos desses mesmos accusadores eram ás vezes Edís e Membros do parlamento!...

Parece portanto que um encantamento, um prestigio cerca a todos quantos representam a alta, ou baixa administração daquelle paiz.

Isto porém não causou tanto pasmo ao meo Nhonhô, como outras cousas, que elle jámais pode comprehender, apesar da sua grande intelligencia e illustração.

Uma dellas, por exemplo, é que elle ouvindo muitas vezes fallar com alto abono da sabedoria, e vastos conhecimentos de varios individuos, que ha longos annos gozavam nesse paiz do credito nunca abalado de capacidades scientificas, ou litterarias, nesta ou naquella

especialidade, e alguns até de encyclopedicos, procurou-lhes as obras, os escriptos, mas sempre em pura perda.

Dotado de uma curiosidade insaciavel, ou talvez por ser cheio de boa fé, buscou travar conhecimento com os preconisados sabichões; mas o resultado foi igual a zero; e como eu uma vez, ao ouvir o Dr. Semana contar-me admirado o que acabo de expôr, lhe dissesse, que de certo havia nesse paiz muitos charlatães, e impostores, ficou o meo Nhonhô enfadado comigo, e aproveitou logo a occasião para dar-me uma lição de moral, dizendo-me que nunca deviamos julgar mal do proximo: que se aquelles homens, ha tanto tempo estavam na posse mansa e pacifica do titulo de sabios, e grandes litteratos, era porque sem duvida o mereciam.

— Mas, Nhonhô, repliquei eu, se muitos delles nunca escreveram cousa alguma, nem publicaram talvez um annuncio...

— E tu sabes se elles tem obras posthumas?

— Porém Nhonhô disse que muitos morreram sem deixar cousa alguma escripta...

— E' porque a sua modestia foi excessiva; foi uma modestia de além-tumulo.

Por aqui verão os leitores quanto é justiceiro e recto nas suas apreciações o Dr. Semana.

Quando refere os factos, não está jámais em sua intenção um pensamento occulto e malicioso; relata-os, *sine ira, et studio*.

Em toda a parte aproveitam-se as vocações naturaes de cada individuo, e procura-se, satisfazendo a inclinação propria, tornal-o insigne, notavel no genero de sua predilecção.

Esta regra que parece tão natural só excepcionalmente se observa em Atlantide.

Foi isto tambem motivo para graves meditações do meo Nhonhô, que nunca poude attingir a causa, porque naquelle prodigioso paiz fazia-se timbre em desviar as vocações, e até dar-lhes disparatadas applicações.

São tantos os factos, que provam este procedimento paradoxal, que para não enfastiar os meos leitores, apenas citarei alguns, que darão uma perfeita idéa desta extravagancia administrativa.

A escola das bellas artes em Atlantide, por exemplo, não é dirigida por um artista, nem mesmo por um amador das artes.

Se excepcionalmente em algum tempo a presidisse algum artista, seria logo posto fóra do logar, que devia ser exercido por um medico; e desse não devia constar que tivesse jámais pintado nem mesmo um mono, ou outro qualquer bicho; e para ser perfeita a inversão, o artista, esculptor, ou pintor, devia passar a exercer a carreira diplomatica!...

A instrucção publica carece de um homem de notorio e provado saber? Aproveita-se logo qualquer homunculo, uma vez que elle diga que entende muito dessas cousas; (não ha necessidade de provas) ou então, se por

excepção (que logo se corrige) exerce o logar homem que tem feito alguma coisa relativa á instrucção, é sem demora substituido. E para que o systema não soffra elteração, como se tracta de objecto, em que o progresso dos tempos tem de ser attendido, em que as luzes do seculo tem de ser aproveitadas, e estudada a marcha do mundo, em que emfim tem de penetrar-se no coração da sociedade, então busca-se justamente individuo, que esteja fóra de todas estas condições, sequestrado do mundo, fóra das prerogativas sociaes, um cenobita, por exemplo.

Ha um hospital para ser dirigido: pensaes que os Medicos de Atlantide devem ter a louca pretensão de presidil-o? Isso compete a um militar.— Tracta-se de agricultura; qualquer bacharel em direito está apto a dirigir tudo quanto diz respeito á lavoura e a agromonia.

Em Atlantide o titulo de bacharel em direito dá por si só sufficiente garantia para ser considerado não só entendido, mas proficiente, em qualquer materia, mathematica, marinha, medicina, agricultura, commercio, obras publicas, etc., etc.

A' vista disto o meo Nhonhô não cessa de admirar o mecanismo administrativo de Atlantide, e chega muitas vezes a dizer que não acreditaria em tanta extravagancia, ao menos na apparencia, se por tantos annos não tivesse sido elle proprio ocular testemunha.

CAPITULO VII.

Poder sobrenatural que exerce a ignorancia, e até a estupidez sobre os homens illustrados, e intelligentes de Atlantide. Companhia do monarcha. —Escolha de ministros.—A politica de Atlantide.—A municipalidade.— Os dous unicos merecimentos reaes em Atlantide.

Atlantide é um paiz encantado: tudo ahi se resolve por absurdo. E' realmente admiravel o poder, que exercem os ignorantes, e até os estupidos sobre os homens illustrados, e intelligentes.

Parece que nesse paiz mais do que em qualquer outra parte a adversidade persegue e opprime ao homem talentoso, e instruido.

Entretanto o monarcha de Atlantide é intelligente, e tem illustração.

Este facto singular só se explica pela influencia de

um encantamento, que soffre o chefe dessa nação infeliz.

Elle não se rodea dos cidadãos mais instruidos; os ignorantes e até os estupidos são a sua habitual companhia. E' entretanto fóra de duvida que o monarcha conhece-lhes a insufficiencia de seos talentos, e estudos, mas uma força occulta os attrahe, e repelle aquelles, que comparativamente são de um espirito mais elevado, e culto.

Em lucta com esse genio sinistro, que impelle para o desacerto o soberano de Atlantide, lá de vez em quando a natureza reclama o seo direito, e o bom senso reivindicada os seos fóros. Mas o triumpho é pouco duradouro; logo depois reaparece o imperio do disparate.

Não se póde dizer que o chefe do paiz queira leval-o ao abysmo; fóra o maior dos absurdos suppôr-lhe uma tal intenção: não ha commandante de embarcação, que procure uma marinhagem inexperiente para de proposito atirar com o navio ás pedras.

Mas na escolha de seos ministros que infeliz inspiração!

Houve tempo, em que anciãos, uns já decrepitos, outros achacosos, eram os de preferencia escolhidos.

A' primeira vista parecia que uma tal escolha era certamente dictada pelo desejo de ver a experiencia dirigir os destinos do paiz.

Tudo porém tem suas restricções; e assim como em geral são os velhos os que mais devem conhecer os ho-

mens, e as cousas, ha tambem individuos, que apezar das cans, da curvatura da columna dorsal, e do arrasamento dos pés, são como livros *in folio* com as paginas em branco...

Para tormento dos cidadãos de Atlantide era muitas vezes chamado para ministro um velho já septuagenario, surdo como uma pedra, e que tendo sido sempre retrogrado, no ultimo quartel da vida apregoava-se soldado do progresso!

Que supplicio para os pretendentes! Que scenas comicas, que jogo de disparates entre um tal ministro, e os supplicantes!

Conta o Dr. Semana que uma vez succedeo ir um pretendente surdo fallar ao surdo Ministro: os disparates eram sem conta; as respostas as mais desencontradas, e o final da audiencia foi o supplicante enfurecer-se contra o ministro, que sem comprehender a causa daquelle desatino, pôz-se a gritar, dando o homem como louco!

A politica de Atlantide consiste na eterna contenda, que divide cada uma das nações do globo: uns apregoam-se paladinos da liberdade; outros ostentam-se pacificos sustentadores da ordem, das instituições, e de todas as tradições do passado; mas fundamentalmente nem uns, nem outros são o que se intitulam: cada qual aspira ao poder para utilidade propria; e tem tal labia que apezar das mil decepções, porque tem passado, o povo credulo confia ainda em fervorosas promessas.

Os legisladores, uns são temporarios, outros permanentes; e a eleição popular é o meio empregado para a existencia destes altos funcionarios.

Em Atlantide tudo falla em politica; *eleição* é a palavra magica, que electriza tanto o mais infimo, como o mais elevado cidadão.

Ha um talento especial para fazer toda a sorte de escamotagens, e ligeirasas neste jogo eleitoral: tudo é licito em tal occasião.

De certo em certo periodo reproduz-se esta especie de carnaval, em que muitas vezes o sangue dos votantes, e candidatos se apresenta em lugubre espectaculo.

Os que são vencidos por não estar o seu partido no poder, quando já não são capazes de á viva força resistir, fazem um protesto, que é julgado pelos adversarios! Por via de regra além de perderem a eleição, perdem tambem o tempo esperando a favoravel solução de tal protesto.

A edilidade não é subsidiada em Atlantide; o cargo de edil já não gosa de prestigio algum; mas entretanto admira a soffreguidão, com que é ardentemente desejado uma cadeira da Municipalidade.

Gastam os candidatos rios de dinheiro, fazem inauditos sacrificios; e tudo por um cargo sem retribuição pecuniaria, e sem prestigio!

Essa singularissima ambição de pertencer á edilidade tem dado que pensar aos cidadãos honestos de Atlantide. Refere o Dr. Semana que a muitos ouvira dizer ter

esse ardor edil como causa grandes arranjos, e negocios da China, que se podem fazer exercendo tal cargo.

O meo Nhonô porem discorda desta opinião; elle pensa que isto é ainda um effeito do encanto, que envolve esse assombroso paiz: este inexplicavel factó só pôde attribuir-se ao absurdo, e paradoxo, que reinam em tal nação.

Em Atlantide quem não tem influencia eleitoral é entidade nulla: ha nesse paiz só duas cousas, que servem para avaliar o merecimento; — o numero de votos que qualquer pôde arranjar em uma eleição politica, e o de contos de réis, que possui. Fóra disso não ha merito, por mais elevado que seja, não ha virtude por mais exemplar, que imponha um culto.

Ter dinheiro, ou influencia eleitoral, eis o grande *sideratum*; e se ambas as cousas se reúnem, então ainda que seja o possuidor de tão illustres qualidades um assassino, um malvado, tudo se lhe curva; ninguém ousa tocá-lo!

CAPITULO VIII.

Experiencia na formação dos ministerios. — Um ministro que não sabe arranjar a roupa nos bahús. — *Qui-pro-quo* entre o Dr. Semana e um Presidente de Provincia.

Pe los effeitos completamente negativos, resultantes de entregar-se o governo de Atlantide a velhos surdos, e retrogradados, tentou-se nova experiencia. Segundo um dito chistoso do meo Nhonhô, Atlantide é uma *anima vilis*, em que se faz toda a sorte de experimentos, e quasi sempre com pessimo resultado.

A nova experiencia consistio em juntar moços com velhos, fazendo-se dos ministerios uma quasi preparação pharmaceutica, onde umas *drogas* servem para neutralisar o effeito de outras.

Essa tentativa porem nada adiantou : tudo caminhou

como d'antes, porque, se os moços faziam o papel de causticos, os velhos eram as cataplasmas emollientes ; e a consequencia final, cousa nenhuma !

O monarcha de Atlantide é moço ainda, segundo diz o Dr. Semana, e por tanto nada mais natural do que sympathisar com os moços : alem disso elle tem um costume, que o meo Nhonhô diz ser mais uma prova da sua finura ; é o seguinte.

Muitas vezes está convencido de que uma certa medida não ha de produzir o desejado effeito, mas a chamada opinião publica começa a bradar por toda a parte que a medida é excellente, e deve ser adoptada. O rei não se oppõe, cede á opinião, mas quando vê o máo resultado, então sente um prazer secreto, intimo, que só o Nhonhô percebia por ter muita penetração ; pois pelo que elle conta deste monarcha não ha quem possa conhecer quando está de bom, ou máo humor.

Diz Nhonhô que Tiberio em comparação delle não sabia dissimular ; trahia-se, como uma creança. Cá por mim acho que isso é uma grande virtude governativa ; e se fosse rei, faria este raciocinio. „ Eu não posso contentar a todos ; hei de ter desaffeitados, e inimigos ; a maior parte delles me ha de illudir para melhor prejudicar-me ; logo, devo pagar-lhes na mesma moeda ; e illudil-os do mesmo modo. “

Parece que a opinião publica apregoava que a mocidade de Atlantide devia ser chamada á governação do paiz ; por que o talento, e a illustração nella residiam.

Desde essa época as provincias de Atlantide foram confadadas a meços, que tambem envergaram a farda de ministro.

Conta o meo Nhonhô, que um mocinho dos que tinha sido nomeado ministro; tendo de mudar-se de um sotão; em que morava uns quatro mezes depois de estar formado em jurisprudencia, achou-se tão atrapalhado para arrumar os bahús da propria roupa, que soccorreu-se de uma velha e visinha, que era a sua lavadeira.

Estas e outras cousas semelhantes eram as que o meo Nhonhô nunca ponde tolerar, e menos comprehender; porque dizia lá consigo—se este moço nem sabe arrumar a sua roupa, e a sua casa, como ha de saber arrumar os milhares de casas de outros, e os negocios importantes do paiz! Mas em fim, como em Atlantide tudo é prodigioso, e para maravilhar, esse ministrinho apparecia logo depois como um grande financeiro, estadista, etc. ! Em Atlantide, já sabemos que o ser bacharel em direito é quanto basta para entender proficientemente de tudo: convêm igualmente que os leitores saibam ser titulos de grande recommendação nessa prodigiosa terra ser filho de seo pae, sobrinho de seo tio, neto de seo avô, ou mesmo de sua avó, irmão de seo mano, cunhado de seo cunhado, ou primo de seo primo, se o pae, tio, avô, irmão, cunhado, ou primo tiveram nome politico, (quer sejam vivos ou mortos) ou então se tem bastante dinheiro, e influencia eleitoral: por que são as duas unicas potencias nesse paiz maravilhoso !.....

Ministros tem havido em Atlantide, cuja unica recommendação para sel-o era serem filhos de seos paes, que foram titulares e entidades politicas, os sobrinhos de seos tios, por que estes tambem figuram na scena politica.

Verdade seja, segundo diz o meo Nhonhô, que alguns d'esses moços tem intelligencia, mas muitos outros ha tambem que até tem mais saber do que esses; porém, ou por que não são bachareis em direito, ou não tem pãe, nem tio alcaides, vegetam, e morrem na mais triste obscuridade e miseria..... Entretanto a cantiga popular de Atlantide é que o rei acerca-se dos moços estudiosos, premeia-os; protege-os, etc.; etc.; etc.

Mas o meo Nhonhô não acredita nisso, por que lá conhece muitos moços honestos, talentosos, e cheios de saber, que quasi morriam á fome, e soffriam até calumnias de serem madraços, versateis, e inconstantes.

Em casa do meo Nhonhô é que elles iam muitas vezes desabafar e analysar o seo paiz.

Entretanto pelo tal encantamento, que cerca o rei, elle não vê essas cousas, e acredita cegamente em quanto homunculo lhe aprezentam, e vai-lhe dando cargos importantes, para exercer muitos dos quaes é não só mister ter muita intelligencia, mas vasta illustração; e o rei os enche de honras, dando-lhes a nação pingues ordenados, etc., etc.!

A respeito da mania de confiar a rapazolas os altos cargos politicos, contou-me o Dr. Semana que uma vez

ficára verdadeiramente embatucado com um mocinho.

Lá vae o caso com todas as circumstancias.—Era a casa do meo Nhonhô o ponto, em que se reuniam não só os moços desherdados da communhão feliz de Atlantide, mas tambem aquelles, que tinham paes, tios, irmãos, e primos alcaides.

D'entre este ultimo grupo foi um nomeado para governar uma das provincias de Atlantide, onde existe uma escola de jurisprudencia. Esta nomeação foi feita no anno mesmo, em que elle acabou o curso de sciencias juridicas e sociaes.

D'ahi a um anno pouco mais ou menos succede que o nomeado voltou á capital de Atlantide, e encontrando-se com elle o meo Nhonhô, que ignorava tal nomeação, ou pelo menos disso não se lembrava, diz-lhe n'um sincero aperto de mão :

— Parabens, meo Doutor.

— Agradecido ; foi um brilhante triumpho. Que diz, Doutor ?

— Sem duvida, que é um triumpho tocar a meta cubiçada.

— Sim, mas as minhas aspirações não se limitam a isso.

— Nem deve limital-as : provavelmente o Doutor vae agora praticar em algum escriptorio com um bom advogado, e adquerir assim a sua clientela.

— Mas que escriptorio ?... que clientela é essa, Doutor ? parece-me está laborando em um equivoco.....

— Pois não acabou este anno o seo curso de sciencias juridicas ? E' este o triumpho, a que me refiro.

— Ah! logo vi que estava enganado. Eu tomei o gráo de bacharel em direito o anno passado, e fui logo nomeado para administrar a provincia, d'onde venho agora eleito primeiro deputado, triumphando brilhantemente dos meos adversarios cujo chefe acha-se preso. e tem de soffrer as consequencias do seo desatino.

— Queira desculpar-me, Exm., eu estava agora tão longe de pensar etc., etc. E como poudo, desculpou-se o meo Nhonhô, que ainda quando conta esta historia, ri-se com todo seo bom humor.

CAPITULO IX.

Transformação rapida e espantosa da miseria em opulencia.— A moeda falsa.—Felicidade prodigiosa para todos os estrangeiros. — Commercio a retalho.

Quando o meo Nhonhô falla em Atlantide, é sempre como um homem, que refere uma historia cheia de maravilhas, e episodios quasi fabulosos.

Ao ouvil-o contar as transformações espantosas, que se operam naquelle paiz, parece que se está assistindo á narração de uma peça magica com todas as suas tramoias.

· Mas naquella encantada terra já pouca admiração causam essas metamorphoses. Arvorar-se, por exemplo, em medico um individuo, que nunca estudou a respectiva sciencia, ser ministro das finanças outro, que não

saberá fazer depressa uma das quatro operações elementares da arithmetica, dirigirem estabelecimentos de instrucção, homens analphabetos, nacionaes, e estrangeiros ; serem preteridos, até opprimidos outros que a essa especialidade se hão sempre dedicado, não é cousa de produzir impressão : a marcha geral, e até regular do paiz é essa.

Menos estranhosa causa ainda a transformação da miseria em opulencia. Em Atlantide é facto comezinho, principalmente com estrangeiros, operar-se essa mysteriosa transmutação.

Os nataraes do paiz contentam-se apenas em conversar uns com os outros sobre semelhantes factos, que por serem consumados já não são mais sujeitos á discussão.

Quando muito diz-se pela bocca pequena que essas rapidas, mas colossaes fortunas são o resultado da moeda falsa, que introduzem na circulação os avidos de ganhar cabedaaes sem trabalho. Ora, pelo que diz o Dr. Semana, é bem fundada essa explicação, porque a moeda que gyra em Atlantide é papel. Uma vez porém passado e introduzido no gyro pecuniario o dinheiro falso, ninguém sabe d'onde lhe veio, e vas assim correndo impunemente. E como a questão toda é ter dinheiro, ou influencia eleitoral politica, quando os falsos moedeiros logram trocar a sua moeda pela verdadeira, ahi estão elles respeitados, honrados e cheios de todas as honranças e cultos, que a *deusa pecunia* recebe com geral fervor nesse bello paiz.

Entretanto as leis são severas a esse respeito, e um ou outro, que não soube chegar-se a boa arvore, tem recebido o castigo, não tanto do seu crime, como da sua ineptia.

Em Atlantide indigita o povo muitos, a quem accusa de moedeiros falsos; mas ao passo que os aponta baixinho, comprimenta-os, e affaga-os, porque não ha remedio senão curvar-se a um dos dous principaes poderes dessa nação, — o dinheiro.

O meu Nhonhô a este respeito dizia que gostava muito de ouvir fallar a um moço de Atlantide, que tinha espirito, talento, e muita instrucção; porém que era dos taes que não tinham pae alcaide. — Dizia elle: com a moeda falsa succede o mesmo, que com as palavras barbaras introduzidas na lingua vernacula: ha toda a paridade na comparação. Os moedeiros falsos introduzem dinheiro, por que querem satisfazer as suas necessidades; as palavras barbaras são tambem introduzidas para satisfazer uma necessidade do pensamento, exprimil-o com um termo, que não existia ainda: á força de se irem introduzindo na linguagem os vocabulos estranhos, elles acabam por ficarem com o cunho legal; e ganham depois o fôro de cidade.

A rapidez das transacções, o movimento commercial representa o veloz dialogo familiar, em que ninguem vae escolher termos, arredondar periodos, empregar unicamente vocabules de genuino cunho nacional, e attender a todos os preceitos grammaticaes.

E' o mesmo com a moeda falsa : nos milhões de negocios, de compras e vendas, quem se occupa de estar esquadrinhando a perfeição artistica da estampa das notas, que recebe ?

Achava o meu Nhonhô esta ironica explicação, attenuante de tal crime, engraçada e chistosa, principalmente pelo ar serio e grave que tomava o moço, quando a este respeito succedia conversar-se.

Chegava mesmo a accrescentar muitas vezes o tal es-pirituoso rapaz que os moedeiros falsos enriqueciam o mercado, como os creadores de termos novos enriquecem as linguas.

A industria da moeda falsa em Atlantide ganhou grande incremento : fabricas se montaram, cujos chefes mais tarde, quando as officinas já eram desnecessarias, passaram a exercer cargos financeiros da mais alta importancia, que administraram com summa pericia pela pratica, que tinham de lidar com dinheiro. Diz o meu Nhonhô ter conhecido muitos, que gozavam dos mais subidos creditos, e recebiam barretadas dos grandes e pequenos cidadãos de Atlantide.

Esse paiz é em tudo admiravel : o estrangeiro, que ali aporta, só por excepção deixa de ser feliz. Quando não seja a industria, de que acabo de fallar, qualquer outra o enriquece. Alem disto, o governo da nação tem uma certa predilecção para tudo quanto é estrangeiro, sendo quasi nullo o espirito nacional. E' lamentavel entre os naturaes do paiz, principalmente os que tem a indepen-

dancia do dinheiro, ver o ar de moça e zombaria, com que são alcunhados por escarneo — patriotas — os que com toda a razão pugnam pelas primazias nacionaes. Parece isto uma aberração; porém é facto, que o meo Nhonhô muitas vezes verificou, e que só explica pelo encanto, de que parece ser victima essa região, aliás fadada para um grande porvir.

Tal é a predilecção pelos estrangeiros, que só o que elles fazem e inventam é que merece attenção do governo e do povo. O Dr. Semana, homem, cujo espirito observador nada deixa escapar, perguntou uma vez qual seria a razão disso.

Ouvio varias explicações, e entre ellas a de um velho, que lhe disse ser este um calculo altamente politico, adoptado pelo chefe da nação, e seguido com exaggeração pelo seo governo, sendo consequentemente imitado pelo povo.

Dizia o velho que o monarcha desejoso de fazer bem-quisto o seo paiz no estrangeiro, recebia com as maiores attenções os filhos dos paizes estranhos para que elles fossem os proprios apregoadores da benevola hospitalidade dessa nação pouco conhecida.

Até certo ponto concordava o meo Nhonhô com esta estrategia diplomatica; porém a exaggeração, que dahi tem resultado, tornou-se nociva, dando a esses estrangeiros regalias, que os tornavam muitas vezes por demais altivos.

Arrazoando a este respeito costumava dizer o Dr. Se-

mana, que é bom, que é até um dever tractar bem os hospedes, mas que nem por isso devia destractar-se a gente de casa.

E' em virtude de taes e tantas regalias, que nesse paiz o estrangeiro faz o commercio de retalho, gozando das mesmas vantagens, e deixando de ter certos onus, que nos nacionaes recahem.

Conta o meo Nhonhô que houve epocha, em que esse povo, apezar de tolerante, e de uma exemplar paciencia alem de outras reformas que á mão armada reclamou, exigio tambem que o commercio a retalho pertencesse exclusivamente aos nacionaes.

Mas as considerações de immigração para um paiz novo, e o temor de difficultar a vinda de gente industriosa, eram as razões poderosas, que os politicos de Atlantide oppunham a essa exigencia, e pelas quaes explicavam essas franquezas para os estrangeiros, que quizessem commerciar.

Desta pratica resultou que os estrangeiros, já pela predilecção, que em geral tinham, já por que se lhes abria esse vasto horizonte para ganhar a vida, entregam-se quasi exclusivamente ao pequeno commercio; e os nacionaes veem-se em sua propria terra, não impossibilitados de seguirem a mesma carreira, mas sempre guereados pela obvia razão de concurrencia feita pelos grupos de cada nacionalidade estrangeira, que colligados tornam-se fortes e poderosos, coadjuvando-se mutuamente por um espiritimo de antagonismo internacional.

E' este, segundo o meo Nhonhô, um dos grandes males, que affecta a grandiosa Atlantide.

D'ahi nasce que os nacionaes são operarios artistas, e o maior numero funcionarios publicos, exceptuada uma certa porção da classe media, que segue os cursos de jurisprudencia, medicina, mathematicas, engenharia e theologia.

De semelhante ordem de cousas procede tambem a má reputação, que os estrangeiros insinuaram, negando aos naturaes do paiz, aptidão, diligencia, e actividade para se empregarem no commercio.

E' realmente um espectaculo singular o que apresenta Atlantide estudada sob este ponto de vista: pôde-se dizer que as grandes fortunas são estrangeiras, e que só excepcionalmente é opulento proprietario o filho do paiz!

Diz o meo Nbonhô que em nenhuma nação do mundo vio semelhante aberração.

Entretanto como essa nação é a dos prodigios, o governo tira indevidamente uma vantagem desse excepcional estado.

A vantagem é a sustentação de uma hydra de mil boccas, que sorve quasi toda a seiva da nação, onerando o erario publico, e opprimindo quasi sempre com impostos a cansada população.

Quando o meo Nhonhô me referio estas palavras, que aqui acabo de transcrever, perguntei-lhe em que consistia então essa vantagem, se o dinheiro da nação era quasi gasto em pagar os seus funcionarios.

A explicação me satisfaz, e creio que aos leitores também satisfará.

Mantendo o governo (qualquer que seja o lado político, que dirija a não do estado,) esse exercito de funcionarios, conta sempre com tropa segura para vencer as campanhas eleitoraes, primeiro e principal elemento para garantia do poder.

E' claro que quando não fosse por subservencia, já por gratidão, já por que o functionalismo representa uma milicia, o funcionario em geral votará com o governo.

Eis agora a explicação do systema de proteger directa e indirectamente o estrangeiro no commercio a retalho, por que deste modo obriga-se o nacional a ficar subvencionado pelo governo, como empregado publico, e por consequencia sem independencia bastante para ter opinião livre.

CAPITULO X.

O recrutamento em Atlantide.—O valor que tem o merito em Atlantide.
O patronato. — As cartas de empenho.—Modo pelo qual se obtem as-
sombrosa reputação de sabio em Atlantide.—A colonisação.

Muitas cousas ha que o meu Nhonhô me tem contado por elle vistas durante sua residencia em Atlantide, que eu acredito, só pelo respeito que lhe devo, e por isso atrevo-me a referir tambem aos meos leitores.

Nesse paiz quando se quer reforçar de gente a tropa de terra ou de mar, não se procede, como é uso na Europa, e em outras partes do mundo culto. Faz-se, como quando se quer caçar, com a differença só de não matar, salvo o caso de resistencia tenaz e offensiva.

E' por tanto o recrutamento uma caçada de homens. Estão os pobres passaros humanos muitas vezes diver-

tindo-se em algum espectáculo publico nas ruas ou praças, e os caçadores disfarçados, quando elles mal os presentem, dão-lhes o bote, e mettem-os logo em uma gaiola, até que justifiquem se estão ou não isentos de assentar praça!...

Em consequência deste brutal e traiçoeiro modo de compôr o exercito, succedeo uma vez, conta o meo Nhô-nhô, que estando a ver uma festa publica na rua um ministro, mas sem distinctivo algum, que o fizesse reconhecer como tal, cahio-lhe um dos caçadores em cima, e como não eram da capital nem os soldados, nem o tenente recrutadores, mas recém-chegados de uma provincia, a nada attenderam, e tomaram até por zombaria, quando o recrutado lhes disse que era ministro.

Não podiam elles crer na veracidade da asseveração, não só porque viam o individuo sem insignia alguma de auctoridade, mas principalmente por notarem-lhe apenas a fina pennugem a cobrir-lhe o labio superior. E sem mais tirte nem guarte foram conduzindo para a gaiola o ministro, que levou o caso a rir, certo de que seria conhecido no quartel para onde o encaminhassem.

Assentado sobre uma base viciosa o governo de Atlantide, decorrem delle as peiores consequencias. Em um paiz, onde o nacional só por excepção representa a propriedade e a riqueza, e que por via de regra é o servo adstricto á gleba, recebendo, como funcionario publico, o salario do governo, em um tal paiz, tudo deve resentir-se de tão damnosa organização.

Eis porque não tem ali o merito direito algum a ser attendido: em tal estado de cousas o respeito ás leis é nullo, e a vontade pessoal de cada ministro a mais despotica e arbitraria, que imaginar-se possa.

Perde a melhor e mais justa causa quem não tiver patrono poderoso; (homem de dinheiro, ou influencia politica) e tão escandaloso já é semelhante uso, que nenhum pudor tem ministros e pretendentes em receberem, e darem as *cartas de empenho*, e fazerem as transacções de toda a especie para que seja alcançado tal ou tal fim!

De dia em dia, diz o meo Nhonhô, essa pratica escandalosa torna-se cada vez mais geral, e constitue, por assim dizer, um dos estylos daquella corrompida sociedade.

Ninguem quer saber, quando pretende, se merece, ou póde exercer o cargo, a que aspira; o que procura é ter por patrono e protector a pessoa, ou pessoas, a quem o ministro não possa deixar de servir.

Por seo lado os ministros tambem fazem jogo com essas influencias, e o resultado é quasi sempre ganhar no jogo o que menos merecimento tem.

Não póde dizer-se que em Atlantide haja falta de homens intelligentes; poucos são, é certo, os verdadeiramente illustrados, e ha longos annos gosam entretanto desses fóros muitos, que só nessa maravilhosa nação poderiam como taes passar, não tendo jámais apresentado em toda a sua vida prova alguma, que lhes abone o tão preconisado saber.

E' singular a maneira, por que ali se ganha uma reputação de homem illustrado, de poeta até, de especialista nesta ou aquella materia, sem que os taes famigerados hajam produzido ou mostrado por pensamentos, palavras e obras que merecem tão grande nomeada!

Uma meia duzia de amigos, ou conhecidos, levados por motivos quasi sempre de propria conveniencia, por toda a parte apregoam o merecimento de *fuão* nesta, ou naquella materia: essa opinião, que se atira ás turbas em toda e qualquer occasião, e que por via de regra é sempre formulada á guiza de axioma, verdade incontestavel, ou sentença, que passou em julgado, vae correndo de bocca em bocca, e ás duas por tres ahi está o homem arvorado como insigne, e eximio naquillo, em que apraz aos amigos fazel-o!

Os filhos ouvem de seus paes, que já tambem a seos paes tinham ouvido que tal, ou tal individuo é consumado, e perfeito neste, ou naquelle ramo dos conhecimentos humanos; e porque sempre nos inspira confiança o que ouvimos a nossos paes, medra e consolida-se inabalavelmente a reputação de medico para um, por exemplo, que é igual, senão inferior em talento, e saber a qualquer filho de Esculapio! ..

Passa por homem de letras e de vasta erudição outro, que nunca escreveu cousa alguma, nem jámais por outro qualquer modo revelou seos conhecimentos litterarios.

Chegam estes escandalosos excessos a ponto de pre-

terir-se o verdadeiro merito, se reside, (como quasi sempre) em individuo, que não tem dinheiro, ou alta posição social.

Diz o meo Nhonhô que muitos moços conheceo em Atlantide, os quaes eram insignes, cada um em sua especialidade; e uma vez em uma grande roda, discutindo-se sobre qual seria o mais eminente especialista de certa materia, citou-se o nome de um velho, que ha longos annos passava por abalisado na tal especialidade; porém que nunca houvera dado mostra alguma de sua proficiencia nesse ramo. Mas, dizia-me o meo Nhonhô, o homem era influencia politica, era titular, etc., etc., e isto bastava para que apesar de não ter jámais provado os seus conhecimentos na tal materia, fosse tido e havido por eminente e o primeiro naquelle ramo!...

O governo de Atlantide reconhece que o paiz precisa de que a sua vasta extensão seja habitada por uma população industriosa, que lhe cultive a terra, cruze a raça, e dê o natural incremento, que uma boa colonisação produz.

Neste sentido fez leis sobre a colonisação; mas como tudo é absurdo, e paradoxal nesse paiz, em vez de se prometterem e cumprirem exactamente condições as mais attrahentes á immigração, não obstante terem-se gasto sommas enormissimas, não tem Atlantide colonos laboriosos; não se póde mesmo dizer que uma immigração conveniente para alli se dirija.

No meio das mais disparatadas lembranças sobre co-

lonisação ria-se muito o meo Nhonhô de ver uma experiência, que se fez em Atlantide com a colonisação chinesa! Bem diz o Dr. Semana que Atlantide é uma *anima vilis*, em que se faz toda a casta de experiencias, e quasi sempre com pessimo resultado.

O meo Nhonhô, que é homem, que não pôde estar calado, quando vio tractar-se de pôr em pratica semelhante idéa, cançou de fallar, e de mostrar quanto era além de ridicula, paradoxal, e absurda. Mas era por isso mesmo que devia realisar-se!

Os Chins immigrados, cacheticos, embrutecidos e quasi atrophados pelo opio, foram uma colonia de cozinheiros, vendedores de peixe, e ratoneiros de gallinhas!

Nenhum só servio sequer para jardineiro do mais insignificante quintal!...

Andavam pelas ruas andrajosos e esfarrapados, que vél-os mettia dó!

Ninguem acreditaria que um paiz que quizesse retemperar a sua raça, e vivificar o sangue da sua geração fosse procurar nos *pariás* do celeste imperio os elementos para a sua regeneração ethnographica e agricola!...

Mas não obstante esse pessimo resultado, que os homens sensatos esperavam *a priori* de tão desgraçada tentativa, não servio-lhes de emenda o mallogrado fructo da experiencia.

Este ponto importante, que tem toda a paridade com a plantação de boas sementes em terrenos bem roteados,

não merece, como devia, a seria attenção dos que governam aquella encantada nação. E' mais um poderoso elemento para a retardação do seo progresso.

CAPITULO XI.

O espirito, que preside á governação de Atlantide.— Falseamento do systema politico. — Argucias de interpretação das leis, e manifesta desobediencia a ellas.— Liberdade de imprensa.

E' uma observação importante, que colhi nos apontamentos pelo Dr. Semana escriptos sobre Atlantide, a que versa sobre o espirito, que preside á governação desse paiz.

Affecta o governo dessa nação sustentar as idéas liberaes, como as unicas, que o progresso dos tempos deve admittir; é porém inteiramente falsa essa liberdade.

Tudo ali é habilmente sophismado; o povo ridiculamente mystificado, e só se faz o que o governo quer, qualquer que seja o lado politico, que esteja de cima,

A lei fundamental dessa sociedade, diz o meo Nhonhô, é o que pôde haver de mais elevadamente liberal, e nobre; mas taes e tantas modificações tem-lhe feito as leis fabricadas depois, que muitas destas vão de encontro á lettra, e espirito do seo pacto constitucional.

As rodas do complicado mecanismo administrativo de Atlantide são movidas com tal geito, que em vez de apparecer o resultado que se devia esperar, é inteiramente opposto o effeito do seo movimento.

Ao chefe dessa nação não compete uma interferencia directa na administração; a vontade, e a opinião do povo são, ou devem ser, segundo a lei fundamental do paiz, a unica voz que dicte a lei.

Entretanto o que succede na pratica? O chefe da nação escolhe livremente os ministros; estes, em virtude de leis *ad hoc*, e pela irresponsabilidade real de que gosam, (apesar de haver lei, que os torna responsaveis pelos abusos do poder) illudem, sophismam, e impedem por todos os meios a manifestação da vontade popular, fazendo eleger legisladores, quer temporarios, quer permanentes, sómente aquelles, que pertencem ao lado politico que se acha na occasião com o poder na mão.

Esté espectáculo revêsa-se sempre que um dos dous partidos sobe, e o outro cahe. Uma ladainha de recriminações é então cantada pelo partido, que está decalido, emquanto o outro entoa o *Gloria in excelsis*, e celebra o *Te Deum* em acção de graças pela sua elevação aos conselhos do rei!

De tudo isto segue-se não só o infallível atraso do paiz, sobre cuja prosperidade real não pôde cuidar o governo, occupado em guarnecer de auctoridades da sua grei a nação inteira; mas ainda uma queixa contra o chefe do estado, a quem attribue-se um absolutismo exercido aliás com plena desculpa, e acobertado pela sua prerogativa de escolher *livremente* os ministros, que são os unicos responsaveis por todos os actos da administração.

E', diz o meo Nhonhô, impossivel melhorar o estado politico, e por consequencia curar-se a corrupção, que gangrena essa sociedade, continuando a haver esse jogo de empurra, esse fazer e desfazer, a que a lei fundamental dá logar. De que serve dizer-se que o povo escolha quem o represente, quem exprima a vontade nacional, se o *modus faciendi*, os regulamentos para esses comicios, para taes eleições são feitos de sorte, que o governo tem em si toda auctoridade para approvar ou annullar o resultado do suffragio nacional, quando convêm aos interesses do mesmo governo para sua conservação?

E' por certo irrisoria uma tal liberdade. O governo achará sempre pretexto apparentemente legal para approvar, ou reprovar uma eleição, como acontece, e é factó comezinho e vulgar em Atlântide.

Tão certo é que zombam os governadores do povo de Atlantide de sua bonhomia e boa fé, que em todas as suas leis, por mais claras que pareçam, notará sempre um observador perspicaz e penetrante o emprego de palavras, de phrases, de construcções, que se possam prestar a duas

ou mais interpretações. E quando alguma vez a evidencia é tão manifesta, que o espirito o mais sophista não poderia torcer-lhes a interpretação, ahí está a vontade irresponsavel, despotica, arbitraia desde o ministro até a ultima das auctoridades para ir de encontro á lei, e não cumpri-la, quando por qualquer motivo ella não lhe convenha.

Refere o meo Nhonhô muitos destes casos de manifesta desobediencia á lei por parte das proprias auctoridades, principalmente das mais elevadas, e que apenas, quando muito só excitam nos interessados a indignação, e a justa explosão de suas iras, das quaes riem-se impunes os ministros e altas auctoridades repotreados em suas preguiçosas poltronas.

Promulgam, por exemplo, as camaras, e é sancionada uma lei; pede a sua execução aquelle a quem a lei se refere. Se é, *verbi gratia*, algum particular sem influencia, suppondes, leitores, que o poder executivo não é capaz de deixar de cumprir a lei, revestida aliás de todas as formalidades?— Estaes completamente enganados. Ha mil e mil exemplos que provam (em Atlantide) que o executor, que o mandatario pode mais que o mandante. E não ha para onde appellar: é esperar, até que alguma vez um ministro amigo, ou outra qualquer circumstancia favoreça o pobre cidadão, que ainda escudado pela lei não pode arrostar o arbitrio inqualificavel de qualquer auctoridade caprichosa.

Estas cousas faziam pasmar ao meo Nhonhô, que tendo percorrido tantos paizes, nunca vio, mesmo naquelles,

em que reina um absolutismo franco, e não disfarçada e hypocrita como em Atlantide, nunca vio, dizia elle, tanta audacia, tanto desembaraço da parte da auctoridade em desobedecer á lei !

E a este respeito faz elle a seguinte reflexão, quando toca neste ponto : „ Atlantide é realmente um paiz excepcional, encantado ! parece ser civilizado ; entretanto, segundo a definição de Aristoteles que diz serem os povos barbaros os que não tem noção, nem idéa do que é lei, Atlantide, se não é barbara, é pelo menos semi-barbara !

Ora, parece, (é opinião tambem do meo Nhonhô) que nestes, bem como em outros casos gravissimos, é que o chefe da nação devia intervir com a sua natural independencia, fechando os olhos para não ver os homens, e abrindo-os só para ver o que é de justiça.

E para estas quejandas transgressões que parece ter a lei fundamental da nação querido a interferencia do seo chefe, como *supremo moderador* de taes abusos, como ultimo tribunal, para onde deve appellar o povo quando os altos executores da lei forem os seus proprios infractores.

Mas não succedendo assim em Atlantide, resultou que esse paiz, á força de ver todos os dias esses abusos por parte dos que mais vivo exemplo deviam dar de respeito ás leis, foi tambem de dia em dia cahindo em triste abatimento, perdendo o pudor, e acabando por esquecer-se, e perder até a idéa, e a noção do justo, e do he-

nesto ; foi de dia em dia se familiarizando com estylos de impudentes transacções politicas, e dissolvendo-se na mais repugnante corrupção...

Os governos representam sem duvida os chefes da grande familia social ; e o que se deve esperar de uma familia, cujos chefes sejam os primeiros a dar-lhe os máos exemplos ? O povo não corrompe, é corrompido ; a repetição constante, quotidiana de actos deshonorosos motivados quasi sempre pela loca ambição do mando é o dissolvente dos sentimentos generosos e dos brios de uma nação : o exemplo é contagioso, e infelizmente mais contagioso ainda, quando é máo.

Ainda é mais pasmoso na opinião de meo Nhonhô outro phenomeno, que em Atlantide se observa.

A imprensa é livre ; tão livre, como em nenhum paiz do mundo ; tão livre que mais não se póde desejar !...

Parecia que uma imprensa assim livre deveria, corrigindo, profligando os abusos, e apontando os erros da alta administração do Estado, produzir a benefica influencia que a discussão, e o combate da palavra escripta costumam alcançar.

Mas ainda pelo condão maravilhoso, que reina nesse paiz, a imprensa, livre, como é, nada alcança, nada consegue !...

Diz o meo Nhonhô que o governo por calculo refinadissimo de propria conveniencia para seos fins deixa de proposito que essa liberdade de imprensa toque, e até ultrapasse os limites da mais desenfreada licença.

Ninguem ousará accusar a administração do Estado de amordaçar os órgãos da opinião ; ninguem dirá, vendo tanta liberdade no escrever para o povo, que o governo fecha e tranca as valvulas de segurança da machina social.

E' que o governo entende que deixando completamente abertas as valvulas, toda a força locomotora escapa-se, evapora-se, perde-se, e a lentidão do movimento é a forçosa consequencia dessa manobra,

Em quanto se contenta com dar pasto á lingua, e á penna, (pensa o governo de Atlantide) não se occupará o povo com o verdadeiro meio de regenerar-se, exigindo pelos meios, de que póde dispor em sua soberania uma reforma radical nas leis, usos e costumes do paiz.

Por outro lado contam os governantes de Atlantide que o habito de ouvir sempre accusações contra o governo acabará por embotar a sensibilidade, e trazer o indifferentismo nacional.

Mas neste ponto o Dr. Semana que é homem de muita experiencia, que tem visto mundo, e que conhece muito bem a historia das nações diz, que os taes governantes hão de ficar enganados ; e que esse calculo ha de sahir-lhes errado ; e o meo Nhonhô que o diz é porque sabe que apezar das valvulas de segurança póde haver uma explosão.

O meo Nhonhô diz que tanto é estrategica essa liberdade da imprensa, que as leis relativas á responsabilidade pelo abuso da liberdade são acoroçadoras dessa licença.

Um dia, (conta o Dr. Semana, e sempre a rir-se, esta historia) leo em uma gazeta das de maior circulaçãõ em Atlantide um virulento artigo contra certo individuo geralmente conhecido no paiz.

Nesse artigo tinha o seo auctor vomitado toda a bile da seo figado contra o adversario, e feria-o até no que havia de mais de melindroso para a honra de um homem. E' de notar-se que a imprensa de Atlantide em geral vive dessas odientas brigas, e publicamente dizem-se os contendores amabilidades daquellas, que em outra nação seriam motivo sufficiente para uma bala na cabeça.

Nesse tal artigo, que houvera sido em qualquer parte de mundo causa pelo menos para um duello, estava assignado por inteiro o nome do seo auctor, pessoa tambem muito conhecida. Chama o offendido a juizo o auctor dessa insultuosa publicação; mas no tribunal respectivo só apparece um maltrapilho, um ebrio, um analphabeto declarando que fôra elle quem mandára publicar o artigo, e que só elle era o responsavel por tudo quanto alli se achava escripto!

Perguntando en ao meo Nhonhô, como podia isso ser, estando publicamente estazapado o nome do proprio auctor, ouvi em resposta, que a lei de Atlantide não pune senão aquelle que faz publica a offensa, e a injuria, embora o auctor seja outrem!..

Parece portanto que a propria lei acoroça esses desregramentos, e que foi feita de proposito para permittir a impunidade do insulto, e alcançar por ultima conse-

quencia a inutilidade de arma tão poderosa como é a imprensa, e o jornalismo!

Diz o Dr. Semana que este é também um dos grandes males de Atlantide, o maior elemento de corrupção desse povo; e que o governo muito intencionalmente tolera esse abuso para os fins, que já apontei.

CAPITULO XI.

A guarda nacional.— Uma digressão ainda sobre a instrucção publica.

Atlantide, paiz todo das apparencias, e ficções tem tambem á semelhança de algumas nações cultas uma guarda civica.

Mas como tudo é só apparencias, não ha verdadeiramente guarda civica; porque a realidade é que o serviço militar dessa guarda, que a todo o cidadão devia caber, recahe unicamente nos pobres, nos artistas, nos operarios, na parte menos favorecida dessa sociedade anomala, que tem todos os vicios das nações antigas, e mui poucas, ou nenhuma das suas virtudes.

E' essa guarda outra mina explorada pelo governo, e tambem pelos particulares.

A officialidade é de nomeação e demissão do governo; elle divide, subdivide batalhões, e dispõe tudo de modo que essa tropa sirva de machina eleitoral, e vote á feição, e gosto do partido, que estiver de cima. E' um meio de opprimir, de exercer vinganças, porque essa guarda tem tambem o seo regulamento militar: ha prisões, destacamentos, e em casos de guerra, está sujeita á mesma disciplina da tropa assoldada.

Uma patente dada a proposito, e satisfazendo a vaidade marcial de alguma influencia eleitoral capta-lhe a benevolencia, e é quasi sempre sufficiente para um triumpho certo do governo na campanha eleitoral.

E' preciso que fiquem os leitores bem compenetrados desta verdade. Em Atlantide a mira principal, o ponto cardeal, que visam os que governam, é *unicamente* segurar-se no poder. Para esse fim o meio certo, real, emfim toda a base da sua conservação firma-se na eleição de legisladores pertencentes ao partido dominante: então, já se vê que o unico, o exclusivo cuidado é não fazer cousa alguma, que possa, ainda que mui remota e indirectamente, concorrer para que se perca um voto que seja! Eis ahi a grande questão desse paiz. Nomear, por exemplo, um alferes para a guarda civica, que não seja do lado que na occasião governe, seria uma inepecia administrativa!

Se entre os guardas ha excepcionalmente algum, que

tem independencia de opiniões, e se a manifesta, ahí estão as rondas, as guardas, as paradas, finalmente as prisões por falta de serviço, e toda a sorte de vexações.

Emprega o governo de Atlantide, cuja perspicacia é admiravel, (assim não fossem menos nobres os fins para que a põe em pratica,) a guarda civica como uma arma de segurança para a sua manutenção no poder, explorando a vaidade dos que gostam das dragonas, espadas, e ornamentos militares, e por outro lado fazendo economias de dinheiro, o qual nem por isso deixa de ser largamente esbanjado com o suborno de votantes.

A odiosa excepção, e privilegios de uma grande parte de cidadãos, que se diz pertencerem á reserva, e outra mesmo que está plenamente isenta de todo o serviço, tem dado lugar a que da guarda civica se haja feito uma mina lucrativa.

E' licito fazer-se substituir pagando o serviço a guardas, que o queiram prestar; e concorrendo com dinheiro para que se retribuam as musicas dos batalhões.

: D'aqui nascem escandalosos abusos; cuja minuciosa descripção não se fará necessaria, porque qualquer comprehenderá a possibilidade delles.

Conta o Dr. Semana, que tendo uma vez ido á casa do seo sapateiro buscar umas botas que lhe tinha encomendado, chegou á loja, e não encontrando o mestre, perguntou se tardaria muito.

— Está preso:— foi a resposta, que lhe deo a mulher chorando.

— Porque? commetteo algum crime?

— Não foi hontem acompanhar com o seo batalhão o enterro daquelle figurão, que morreo, e o commandante mandou-o prender.

— Mas elle assentou praça?

— Não, senhor; é guarda nacional. Retirou-se então o meo Nhonhô um pouco amofinado, e conta sempre, que a todos que encontrava nesse dia, aconselhava *que não calçassem pelo seo sapateiro*, explicando em acto continuo a quem lhe perguntava, o motivo do seo conselho.

Mas tão tolerante é aquelle povo, que a tudo se sujeita, parecendo ignorar os seos direitos, a sua força, e o seo soberano poder.

Quantas vezes o meo Nhonhô, (contava elle) dizia indignado: „*Este povo parece merecedor dos vexames que tolera.*“ Mas outras vezes vendo que apezar da escravidão oppressora, com o que o subjugam simulando hypocritamente a mais ampla liberdade, esse mesmo povo tem por varias vezes tentado sacudir o jugo, que lhe pèa o desenvolvimento de suas forças, confiava, e esperava que elle ainda reivindicaria seos direitos, e se governaria com verdadeira liberdade.

Diversas tentativas já se haviam feito, e comquanto tudo não se tivesse alcançado, alguma modificação já se notava.

Diz o meo Nhonhô que é uma pena o systema hypocrita seguido por esse governo, e a desconfiança jesuitica, que resumbra em todas as suas leis.

Parece entrar no grande plano do governo, isto é, de uma certa roda limitada a um circulo que se compõe de titulares, e homens politicos, não illustrar o paiz, para que o povo tenha o menos que fôr possivel conhecimento dos seus direitos.

Entretanto ninguem o dirá : os regulamentos sobre a instrucção publica, as faculdades de sciencias, um collegio normal de humanidade lá existem ; ha ministro, que se occupa além de outros ramos com o ramo da instrucção publica, e o proprio chefe da nação diz que dá a isso muita importancia ; mas parece que elle é a primeira victima da mystificação.

Todas essas apparencias, por que Atlantide é o paiz das apparencias, illudem o povo, e talvez o proprio soberano.

Deseja o rei que a instrucção em Atlantide seja solida, não superficial ; é um nobre desejo : o governo, (que nunca perde de vista a mira principal que é sustentar-se no poder e subjugar o povo por todos os modos possiveis, sendo um dos mais conducentes a esse fim o conserval-o na ignorancia) se o rei assim o quer, elle melhor o faz ; e eil-o a fabricar leis, e regulamentos que severissimos e rigorosos, por que querem provas cabaes de habilitações em moços, que cursam humanidades, e as faculdades de sciencias, não são outra cousa mais do que péas, e entaves a grande numero de cidadãos, que buscam instruir-se.

Não ha a verdadeira inspecção sobre a direcção do

ensino ; habilita-se a todo e qualquer individuo para mestre, (os estrangeiros até com escandalosa protecção, preferencia, e postergação das leis relativas ao magisterio) e os exames para os estudantes são de um rigor tal, que nem o proprio sabichão do ministro (todo o ministro em Atlantide é sabio) seria aprovado, ainda que empregassem a decima parte do rigor posto em pratica para com os pobres rapazes estudantes !

De centenaes que se apresentam ás provas nas diferentes materias, a matança é enorme ! No meio dessa hecatombe escapam comtudo os que são parentes de ministros, de figurão politico, ou dinheiroso !..

Então nos relatorios, nos papeis e conferencias officiaes com o rei, mostra-se-lhe que procedeu-se com a mais severa e imparcial justiça, que é preciso cortar os abusos, e estabelecer um systema de instrucção publica modelo : o rei applaude, e crê piamente nos seus ministros...

Quando se ouvem os clamores de graves injustiças, o ministro diz ao rei : — „ Senhor, todos os pretendentes se julgam com justiça, e com rasão ; os clamores são sempre a voz do despeito.“

E assim vae-se cada anno diminuindo a grande massa de cidadãos, que formados em alguma faculdade estariam habilitados, e aptos para exercer cargos do Estado : assim vae-se diminuindo o numero dos que poderiam abrir os olhos ao povo ; e como por via de regra, não soffrem os rigores dos exames os filhos, parentes,

ou adherentes dos ministros, e da rodinha que fórma a massa, d'onde se tiram ministros, presidentes, e mais auctoridades, — governo — em uma palavra acontece que a illustração vem a recahir justamente naquelles, que representam os senhores feudaes dessa encantada terra de Atlantide.

Diz o meo Nhonhô que isto é tanto assim, como elle descreve nos seos apontamentos d'onde extrahi estas noticias, que os que não são filhos, ou parentes de individuo influente (rico ou politico) de Atlantide, embora instruidos, e talentosos passam a vida na miseria, e empregam-se mil meios para desgostal-os, e até para fazel-os desaparecer, porque o governo o que teme é que appareçam boas cabeças e corações que digam ao povo de Atlantide: „Sacudi esse jugo oppressor; acabaes com esse absolutismo disfarçado, que é mil vezes peor que a tyrannia e o despotismo mais manifesto; reformae essas instituições falseadas; fazei respeitar a lei, e com as armas na mão, se fôr preciso, impõe a esse punhado de homens, que abusam do vosso trabalho, das vossas fadigas, que esbanja o dinheiro, que lhe daes sob o nome de impostos, finalmente que vos sacrifica ao furor dos combates, e da peste; impõe a esse conciliabulo chamado—governo—o dever de cuidar das necessidades do paiz; acabaes com essa tutela, que elle indevidamente quer, e effectivamente exerce em todos os negocios, ainda mesmo nos de character totalmente particular, como a cynica audacia de se dizer—governo de um paiz livre!...”

CAPITULO XIII.

A liberdade do culto. — A industria. — O espirito de associação. — Péas, que o governo lhe impõe.

Essa encantada região, que o meo Nhonhô por largo tempo habitou, apresenta em tudo uma feição particular, um caracteristico *sui generis*.

A sua lei fundamental proclama a tolerancia dos cultos religiosos, mas admite como religião official sómente a Catholica e Apostolica Romana.

Durante a longa residencia do Dr. Semana em Atlantide observou elle uma cousa singular, que revela o alto gráo de bom senso desse povo.

Apezar das superstições que acompanham sempre as religiões, em que se reparte o mundo, superstições devidas á ignorancia das massas, era para o meo Nhonhô

facto notavel não ver em Atlantide o espirito de fanatismo, de que aliás dão tristes exemplos muitos povos civilisados.

Uma crença pura, fé robusta, mas não maculada por excessos de fanatica superstição tornava o povo de Atlantide singular neste ponto. As questões religiosas, as duvidas sobre os dogmas, e verdades da crença que professava, eram cousas desconhecidas nesse paiz, ao menos na massa geral da população, excepção feita de um restricto numero de homens mais illustrados, que passageiramente, e só por mero espirito de discussão, tractavam uma outra vez dessa materia.

Mas porque o desejo de imitar em tudo os outros paizes mais adiantados, ainda mesmo no que possa haver de máo, é uma das qualidades dessa nação; já nos ultimos tempos o Dr. Semana começava a perceber esse fermento de questões religiosas.

Uma imprensa especial principiou a occupar-se do assumpto, e como que mesmo a provocar duvidas, sob o pretexto de doutrinar o povo, e prevenil-o contra o contagio da prégação de religiões oppostas. D'ahi datou o nascimento do fanatismo, mas com ares de arma politica: principiaram as publicações, e jornaes affectando um espirito religioso por demais ultramontano.

A introducção de varias ordens de religiosos, e religiosas estrangeiras, e a escandalosa tolerancia, com que eram supportados todos os abusos, que em sua qualidade de estrangeiros praticavam em Atlantide, foram

tambem outra causa de ir-se augmentando esse nascente germen de questões religiosas.

Não obstante, diz o meo Nhonhô, o povo não toma a peito taes questões, que parecem ficar só no dominio da teoria. Verdade é que em virtude desse notavel bom senso da população, não tiveram consequencias sérias alguns factos, que demonstram os funestos e contrarios effeitos do fanatismo, como por exemplo, a recusa de sepultura ao cadaver de um cidadão eminente de paiz, porque o Bispo dizia ser o dito cidadão herage ; cousa que aliás nunca se prouou.

Por conselhos de meo Nhonhô nunca se daria alimento a essas questões, e sem abandonar o povo a si mesmo, deixar-se-hia que elle continuasse como até então. — Mas a politica, que anda sempre envolvida em tudo quanto em Atlantide se faz, busca um partido no clero ; e com o pretexto de que ha na população indifferença para com a religião, procura-se agitar mais este elemento, como incentivo ás paixões.

Além do indifferentismo, que em materia religiosa attribuem ao pove os seus fanatisadores, allegam tambem a necessidade de illustrar o clero, e chama-o á rigorosa disciplina da Igreja !

Sobre isto pensa o meo Nhonhô que fará Atlantide uma feliz excepção a todos os povos do mundo, porque parece em geral dotado de um sensato espirito philosophico, sem entretanto ser sceptico, nem descrido. O Dr. Semana, que tanto tem lido e viajado, não cessa

nunca de admirar sob este ponto esta nação, e o seo rei que sem darem exemplos de incredulidade escandalosa, não apresentam tambem o triste spectaculo de um fanatismo prejudicial.

Apezar da inculcada tolerancia religiosa, ha nesse paiz uma contradição, cujas consequencias não só dão-lhe um character de egoistica barbaria, mas até lhe retardam e difficultam os progressos no que diz respeito á colonisação.

Toleram-se todos os cultos, mas os seos sectarios, além de não poderem exercer o culto externo em toda a sua manifestação, estão privados de servir altos cargos, ainda que se tornem cidadãos do paiz, senão abjurarem com a antiga nacionalidade a religião que professam! Quer o governo de Atlantide promover a immigração sem discriminação de idéas religiosas, mas a legislação sobre o casamento é um verdadeiro espantelho para os colonos, que não são Catholicos e Apostolicos Romanos!

Estas e outras cousas dessa prodigiosa nação punham sempre o meo Nhonhô de máo humor, e attrahiam-lhe muitas vezes antipathias passageiras, porque elle não perdoava disparates tão salientes.

Passando do sagrado ao profano, e dando um salto mortal da religião para a industria de Atlantide, vou copiar com toda a fidelidade as palavras do meo Nhonhô, extrahidas dos seos apontamentos.

.
E', póde-se dizer, rudimentaria em Atlantide a indus-

tria: e a unica, mais desenvolvida, mas ainda assim não aperfeiçoada, é a da agricultura. Paiz por excellencia agricola, é do seio do seo solo, que lhe vem a principal, a quasi unica riqueza. Se a industria, porém, é, como geralmente se diz, a victoria da actividade e intelligencia humana contra a acção destruidora da natureza, em Atlantide succede o contrario; uma natureza creadora ensina a ser industriosos os seos habitantes, que por todos os meios parecem desprezar esse appello da propria natureza. Já não é o atrazo dos processos, a conservação da rotina, são outras as péas, péas, que directamente são forjadas pelo proprio governo do paiz, o qual se mostra sempre metuculoso do progresso, e adiantamento.— Terra classica do absurdo, e do disparate, em sua consequente logica do paradoxo, não podia Atlantide abrir uma excepção no que diz respeito á industria.

Nessa nação essencialmente agricola, onde para animar a mais nobre, a mais segura, e proveitosa das industrias devia o governo crear todos os privilegios, carga o productor com alcavallas, e pesados impostos sobre os generos que exporta!...

Vê-se obrigado a perder grande parte de seos lucros, porque sem estabelecimentos de credito, que lhe façam adiantamentos a juro modico, e a largo praso, entrega-se a uma classe de industriosos, seos commissarios, que negociam sem capitaes, ou antes com os capitaes de seos committentes, e ainda por mais escandalo extorquem-

lhes um juro maior que aquelle que pagam nos Bancos, além da commissão pela venda dos generos remetidos!...

Não podem mais fortes ser os elementos retardadores do progresso, e da riqueza publica, coarctando-se por um tal modo as forças productoras de um paiz, cuja principal opulencia da agricultura depende!

Mas não é só no que respeita á primeira fonte de suas riquezas, que esse systema repressivo se exerce.

Qualquer melhoramento moral, ou material, qualquer aperfeiçoamento, ainda mesmo daquelles que tem uma manifesta, e provadissima vantagem para o publico, soffre a pena, a que está sujeito em Atlantide tudo quanto não é absurdo, e paradoxo.

O espirito de associação nesse paiz é o phantasma mais temido pelo seo governo. Entretanto as hypocritas apparencias farão julgar que a alta administração do Estado tem vivo interesse na formação das companhias, e associações anonymas; tal é a longa e minuciosa legislação a respeito de taes sociedades, e o cuidado, com que o paternal governo dessa nação estudou, e buscou prevenir todas as hypotheses!...

Quem em Atlantide se lembra de formar uma companhia anonyma por mais util, moral, e seguro, que seja o objecto desta, tem necessidade de revestir-se da mais evangelica paciencia, ou deve ser estrangeiro de nacionalidade temida por essa encantada nação. Primeiro que tudo tem de soffrer a demora na decisão de qualquer pen-

dencia, (este é o caracter distinctivo da burocracia, e de todo o functionalismo desse paiz, onde o mais simples negocio o menos tempo que leva a decidir-se é um mez, havendo amigos e padrinhos) depois as mil exigencias, muitas vezes estupidas e contradictorias, e finalmente a solução raras vezes satisfactoria, quando o pretendente não tem protectores poderosos, já se sabe, influencias politicas ou dinheiras!... Na legislação sobre companhias e associações anonymas é que claramente se reconhece e evidencia a tutela indebita, que em um paiz com fóros de livre, exerce o governo. Em um regimen governativo do mais franco absolutismo não haveria disposições mais restrictas, clausulas mais compressoras: tudo se difficulta: resumbra em toda essa legislação um espirito de desconfiança, e prevenção, que nem por isso previne, nem evita as fraudes, e abusos, servindo muitas vezes para despertar a atilação de engenhos inclinados a malversação. Que exigencias de formulas! que processos, ordinariamente inexecuiveis, e sempre retardatarios! Por mais simples que seja o objecto da associação, a formação, por exemplo de uma companhia para fazer um theatro, em que funcionem, não artistas de profissão, mas simples amadores; os estatutos de uma irmandade religiosa, tudo vae a uma commissão, a um conselho de Estadistas, que o menor tempo que gastam é tres ou quatro mezes em examinar essas e outras minudencias, com grave prejuizo de outras cousas de verdadeira importancia. — E esse Conselho de Estadistas, que é pe-

CAPITULO XIV.

As condecorações e titulos de nobreza em Atlantide.

Pouco tempo depois que o Dr. Semana chegou a Atlantide, foi convidado para um baile não politico nem diplomatico, mas para um saráo com que se festejava o anniversario da filha de uma influencia dinheirosa do paiz.

O meo Nhonhô, homem de salão, e sabendo apresentar-se convenientemente, já tinha estudado os usos, e habitos dos naturaes da terra relativamente ao modo de trajar, e frequentar as grandes reuniões.

A' hora do estylo fez-se annunciari, e foi recebido cavalleiramente pelo dono da casa e sua familia.

O salão era magnifico, illuminado a *giorno*, ornado de custosas banbinelas, e finissimas cortinas, deslumbrante de espelhos, e trescalando dos mais suaves aromas.

A companhia a mais amavel; o bello sexo em numero avultado, e na sua maioria merecendo o digno epitheto, com que genericamente o denominam. Tudo era lindo, encantador; um céu aberto. Quasi é ocioso dizer que todas as vistas, todas as attenções se voltavam, e dirigiam para o meo Nhonhô como estrangeiro recém-chegado, e de mais pela fama, que de seos altos dotes-logo se espalhou.

Não obstante o longo uso, que elle tinha de achar-se em grandes companhias, e no meio dos mais ruidosos salões aristocraticos de opulentas capitaes europeas, sentio comtudo um tal ou qual acanhamento, ao ver-se alvo de' quasi todas as vistas, e attenções.

Ganhando porém a calma, que lhe ia escapando, subjugou com seo olhar magnetico todos esses olhares da multidão, e como que lhes impoz um immediato desvio para differentes pontos. Senhor do campo percorreo então n'um relance o grupo masculino, que excedia em numero o do bello sexo.

Desde logo impressionou-o uma singular observação : nem uma só casaca estava sem uma fita pelo menos, em uma das casas do peito esquerdo, ou uma chapa de metal desse mesmo lado ! Fallando sem rodeios, ninguem entre os homens havia ali, que não fosse condecorado !

Neste paiz, (foi a conclusão mental do meo Nhonhô) não ha quem não tenha grandes merecimentos; é uma terra de fidalgos! Demorando então mais as vistas, e examinando com toda a attenção, descobrio um moço, em cuja casaca não brilhava o signal do merito. Para logo sympathisou com o plebeo, que, assim como elle Dr. Semana, nada trazia ao peito, que indicasse ser condecorado. Foi para o meo Nhonhô essa ausencia de distincção honorofica uma honorofica distincção, e sem perda de tempo proeurou estabelecer relações com o sympathico mancebo, que pela physiognomia mostrava intelligencia, e pela conversação espirito chistoso, e variada instrucção.

Sem saber como principiou o meo Nhonhô a entabolar as relações nessa noite com o tal moço, transcreverei o dialogo entre ambos, que achei nos apontamentos, d'onde extraio a minha narração.

.
— Causou-me de certo notavel surpresa ver tamanha profusão de cavalleiros.

— Pois a nós outros nacionaes o que nos surprehende é ver um peito de casaca sem fita.

— Mas é admiravel; isso é uma prova do grande merecimento deste povo, e do reconhecimento do seo rei a toda a sorte de serviços.

— Eu penso diversamente.

— Não posso comprehender: para mim uma condecoração é a expressão do merecimento e serviços do

individuo, que a recebeo, e ao mesmo tempo uma prova de que o monarcha reconhecep e retribuiu esses serviços.

— Ha uma simples omissão, ou antes uma troca de palavras em tudo quanto disse o Doutor, para que a sua reflexão seja adequada ao meo paiz.

— Por favor explique-me.

— Nada mais facil : em vez de dizer que uma condecoração é a expressão do merecimento e serviços de quem a traz, fôra mais acertado admittir que *deve ser* a expressão desses serviços.

— Pois não o é ?

— Raras vezes.

— Excita-me a curiosidade.

— Eu a satisfaço. Olhe, Doutor, neste paiz, em que tudo ou quasi tudo é apparencia, não se torna necessario ter talentos, serviços relevantes, e ter praticado acções meritorias para ser condecorado.

— O senhor está zombando, ou falla talvez despeitado.

— Nem uma, nem outra cousa.

— Mas então...

— Basta por exemplo agenciar um festejo publico, concorrer para a formação de um arco de taboas de pinho, que se erige por occasião de algum festejo nacional, para que se tenham condecorações, e até titulos de alta nobreza.

— Acredito, só porque m'ò diz com tanta seriedade ;

mas nem sempre se darão essas festas, e entretanto o numero avultado dos que são galardoados desse modo...

— Explica-se tambem mui facilmente.

— Se me quizer dizel-o...

— Não faço o menor mysterio : por dinheiro obtem se todos esses grãos de nobreza desde o menor até o mais elevado.

— Como ? pois as honras poem-se em almoeda ?

— Não claramente ; mas afinal de contas por dinheiro póde qualquer obter esses distinctivos honorificos, que muitos cidadãos aliás cheios de merecimento não possuem.

— Porém isso é depreciar uma das moedas mais valiosas de uma monarchia.

— Tudo neste paiz, Doutor, está em salvar as apparencias.

— Cada vez comprehendo menos.

— Eu me farei mais intelligivel.

— Ouvil-o-hei com todo o gosto.

— Ninguem chega, por exemplo, a um ministro, e vae dizer-lhe: „aqui tenho tanto em dinheiro, e quero ser condecorado neste ou naquelle grão ; quero ter tal ou tal titulo de nobreza“: isso seria o escandalo dos escandalos.

— Mas qual o processo então ?

— Diversos ; todos elles porém fundamentalmente se reduzem á permuta do dinheiro pela obtenção dessas honras.

— Por exemplo ?

— Está em construcção um estabelecimento particular, mas destinado a um fim de caridade, e de utilidade publica: um cidadão philantropo offerece uma quantia mais ou menos avultada para auxiliar as obras. Póde-se negar que um tal cidadão bem mereceo da patria, e que tem direito a um galardão pelo serviço que prestou concorrendo com seos capitaes para a existencia de uma obra de utilidade geral ? Ninguem por certo o dirá.

Outro offerta tambem uma somma mais ou menos consideravel para outra qualquer instituição pia já existente : não faz este igualmente um serviço ?

Não é merecedor de uma distincção, que exprima o reconhecimento á tão grande beneficio ?

Escasseam as reudas do Estado ; o patriotismo de homens generosos vem em auxilio ás finanças ; este acto não é digno de uma recompensa honorifica, proporcional á generosidade da cifra, com que é o erario publico soccorrido ?

— Então póde-se comparar este modo de remunerar, condecorando com titulos honorificos mediante dinheiro, ao que praticam...

— Os que negociam em imagens de santos que permutando-as por dinheiro, não dizem que *as vendem*, mas sómente que *as trocam*.

— Era exactamente o que me occurria. Mas ha de certo alguma exageração no que me refere ; isso não póde ser tanto assim, como me diz.

— Não ha a menor exaggeração ; é a fiel exposição dos factos.

— Faz-me rir o ar grave e serio, com que m'o affirma,

— De fazer rir é ainda outra cousa, que o Doutor não sabe talvez.

— A respeito de condecorações, e de titulos?

— A esse respeito mesmo.

— Desejo continuar a ouvi-lo, se não o estou importunando.

— Pelo contrario ; gosto até de conversar sobre este assumpto ; é objecto, que muito me delecta.

— Nesse caso...

— Nesse caso fallar-lhe-hai de uma respeitavel classe de condecorados com um certo titulo.

— Quaes são elles ?

— Os conselheiros... Aqui é preciso informar ao Doutor que ha uns conselheiros, que dão conselhos, e são subsidiados, e outros que não ganham honorarios, nem dão conselho.

— Mas isso é justo : *dignus est operarius mercede sua.*

— Esses titulos são ou devem ser o premio, o galardão de um merecimento notorio, e dados a homens de provado saber.

— E succede o contrario ?

— Succede que a formula do diploma desse titulo é pouco mais ou menos a seguinte. O Rei dirige uma especie de carta ao individuo, a quem condecóra com o tal titulo, e começa por dizer-lhe que em attenção ao

seu merecimento e letras, faz-lhe aquella mercê, etc.

— Não vejo nisso nada de extraordinario.

— E' por que ainda não vio alguns dos que tem obtido esse titulo para dar-se ao trabalho de procurar-lhes o *merecimento e letras*.

— Oh ! mas então parece que isso...

— E' um epigramma ao condecorado.

Muito mais longo é o dialogo, mas eu só quiz aproveitar este pedaço, que com toda a fidelidade apresento aos meus leitores.

CAPITULO XV.

Guerra sustentada por Atlantide com um paiz semi-barbaro, limitrophe de algumas de suas provincias.—Victoria de Atlantide.

Findo o saráo, em que o Dr. Semana tomou relações com o moço não condecorado, voltou á sua casa, e levou a pensar no modo, por que era dirigido aquelle paiz, que em si encerrava tantos elementos para ser um dos primeiros do mundo civilizado.

No dia seguinte procurou o seo interlocutor da vespera, e foi com elle passear, tornando-se ambos de então em diante inseparaveis, e ligados pela mais feliz amizade.

O moço, amigo do meo Nhonhô, pertencia ao numero dos excommungados desse paiz; mas longe de mostrar

seu justo despeito, nas longas conversas com o Dr. Semana revelava as melhores intenções, e fazia justiça a quem a merecia.

Durante os ultimos annos, em que o meo Nhonhô esteve em Atlantide, sustentou esta nação uma guerra contra um paiz semi-barbaro, e limitrophe de algumas provincias desse reino.

Essa guerra, a que Atlantide foi por um modo selvagem provocada, deu uma prova cabal da excellencia do povo a todos os respeitos.

Enormes sacrificios, duras privações, longos annos de soffrimentos, impostos, tudo supportou resignado o povo de Atlantide, e no campo da honra foi um modelo de bravura e heroicidade.

A nação apresentava-se cheia de fervoroso enthusiasmo; ninguem se subtrahia ao serviço das armas; todos queriam á porfia concorrer para desafrontar os brios nacionaes brutalmente offendidos. Era este assumpto um dos que mais vezes occupava a attenção do amigo do Dr. Semana, que com elle se entretinha, analysando a marcha dos acontecimentos.

Cumpre confessar que o rei de Atlantide, a quem em outros tempos a imprensa em sua exagerada liberdade vituperava de um modo escandaloso, negando-lhe actividade, capacidade governativa, e chamando-o até medroso e poltrão, mostrou-se nesta emergencia incançavel, e deo o exemplo do mais justo zelo em prol da nação.

Não lhe faltaram porém censuras por esse procedimento ; que pelos pessimistas chegou a ser considerado ridiculo, applicando-se-lhe o conhecido dicto—*pas trop de zèle*.

E' aqui talvez occasião opportuna de citar uma das muitas observações colhidas pelo meo Nhonhô ácerca de Atlantide, e que versa sobre uma classe de individuos, que tem um talento especial e admiravel para achar e descobrir defeitos onde qualquer ençontraria virtude. O meo Nhonhô denomina-os—*Incontentaveis*, e pertencem a ambos os grupos politicos, em que o paiz se divide: nenhum delles acha boa, quando o seo partido está debaixo, cousa alguma do que succede durante o dominio do lado politico opposto, ainda mesmo aquillo para que o governo de então não tenha concorrido nem directa nem indirectamente, e embora o facto seja até de beneficio geral. Mas isto assim dicto simplesmente não deve causar espanto, porque é 'o que sempre succede entre antagonistas politicos ; o fino da observação, e o que a torna admiravel consistem em que esses factos, em que difficilmente se poderia notar um levissimo defeito, são em virtude desse raro talento dos *incontentaveis* analysados, interpretados e explicados por tal modo, que causa pasmo ver como um individuo, muitas vezes sem grande instrucção, um homem do povo, os torce e retorce, e desfigura-os a tal ponto, que um espirito menos reflectido pôde achar razão na censura : tanta é a especial habilidade que caracteriza os *incontentaveis* !...

Em consequencia pois da existencia dessa classe de individuos, esse zelo, essa actividade incançavel do rei durante a guerra com a nação limitrophe foram ridicularisados. Ir o proprio rei á frente de suas tropas defender a honra de seo paiz, expôr sua preciosa vida, deixar suas commodidades, etc., nada disto tinha merecimento para os *incontentuveis*, que achavam que elle não fazia mais do que o seu dever.

O Dr. Semana, ao contrario, applaudio muito esse procedimento, e tanto na ida, como no regresso do rei á capital do reino, complimentou-o, e dirigio-lhe palavras sinceras de felicitação, indo a palacio vestido á côrte, e em um trem de metter inveja a mais de meia duzia de fidalgos.

Tornando ao amigo de meo Nhonhô, que não tinha o defeito de ser *incontentavel*, trasladarei outro dialogo que a respeito dessa guerra teve elle com o meo Nhonhô, e que dos seus apontamentos tirei.

Talvez que se admirem os meos leitores de que os apontamentos de viagem do Dr. Semana contem dialogos; mais devo dizer que o meo Nhonhô gosta muito deste estylo animado e directo, desta narração viva, dramatica; e de mais como elle tem uma memoria prodigiosa, conserva tudo quanto se passa na conversação, e não tem senão o trabalho de reproduzir a conversa. Eis o pedaço do dialogo, a que me refiro.

.
— Atlantide ha de vencer; tudo concorre para que assim succeda.

— Mas o inimigo é tão tenaz, tem-se já prolongado tanto o periodo desta lucta...

— Não importa, Doutor: o povo de Atlantide é brioso e valente; o denodo de seus soldados é inexcedível; a causa justissima, e as nossas forças e recursos incomparavelmente maiores do que as do inimigo.

— Porém o seu paiz está onerado de grandes vexames produzidos pela guerra: foi um golpe, que muito o enfraqueceo.

— Eu penso diversamente, meo caro Doutor. Atlantide levantou-se de seu estado apathico, urgida pela necessidade de repellir este inimigo forte; pôz em prova o valor de seus filhos, e ficará mais conhecida no mundo. Seu exercito, e armada ganharam vigor, e incremento: a guerra foi-lhe uma boa lição para curar do futuro.

— Todas essas considerações são justas; são mesmo o effeito benefico dessa calamidade chamada — guerra; mas alcançada a victoria, e fechadas as portas do templo de Jano, julga que Atlantide extinguirá os inimigos internos, que minam quotidianamente a sua grandeza?

— Esse é o ponto principal das minhas cogitações.

— E qual a sua opinião?

— Eu, meo Doutor, não lhe posso desenrolar um plano minucioso para a reabilitação deste paiz; mas julgo que se o rei, que é sem a menor duvida a fonte, d'onde tudo dimana, e sem cuja vontade nada se faz,

(o que é um dos primeiros males para a nação) podesse vencer o tal encanto, que o impede de fazer o que é bom; e armando-se de uma energica resolução dêsse um golpe mortal no patronato, despresasse certos caracteres baixos, que o rodeiam, e applicasse essa indèbita intervenção nos negocios para imprimir-lhes uma nova face; se pesasse bem o pró, e 'o contra dos antagonistas do paiz, se fosse sobranceiro ás miseraveis questiu- culas pessoases, e acceitasse muitas das reformas indi- cadas pela opinião publica, e pela imprensa opposicio- nista, dado o devido desconto a algumas exagerações; se em uma palavra um movimento reformador come- çasse a apparecer pacificamente, iniciado e inspirado pelo proprio rei, não receio affirmar que principiaria para Atlantide a sua regeneração.

— Concordo inteiramente com a sua opinião; ap- plaudo a sua idéa, e tenho fé que o seo paiz ha de che- gar a altura, a que merece um povo, que por falta de uma direcção acertada tem decahido de dia e dia.

.
.

„Aqui, diz o meo Nhonhô nos seos apontamentos, fo- mos interrompidos por grande alarido que parecia ser a expressão de immensa alegria motivada por alguma noticia importante; e que não podia ser senão relativa á guerra, porquanto era naquelle tempo o quasi unico e principal objecto, que occupava todas as attenções.

— O que será isto ?

— Com toda a certeza, Doutor, é alguma nova feliz da guerra.

— Nem pôde ser outra cousa.

— Oh! está ouvindo, Doutor? Atlantide alcançou plena victoria! O que eu acabava de dizer realizou-se!

— Dou-lhe os parabens, e desejo que seja em tudo o mais tão infallivel a sua voz, como o foi sobre a terminação dessa cruenta campanha.

.
Reunindo-se os dous amigos ás massas do povo, que no maior contentamento applaudiam o exito feliz de tão prolongada lucta, deixou o meo Nhonhô depois de algumas horas o seo companheiro, e recolheu-se compartilhando tanto o jubilo dos naturaes de Atlantide, como se fosse conterraneo delles.

Impressionado porem por muitas observações do seo recente amigo, meditava o Dr. Semana na futura sorte deste paiz.

Era um facto notorio que o limitado numero de actores do theatro politico de Atlantide, e que tão diversos e contradictorios papeis haviam representado, estava gasto, cansado, e muito visto, não produzindo por isso no auditorio a impressão, que seria para desejar.

O cartaz de cada novo ministerio trazia sempre na distribuição dos papeis nomes de artistas, que a nação já de longa data conhecia, e que muitissimas vezes tinham feito *fasco*.

Toda esta companhia theatral era conhecida do pu-

blico, cuja parte sensata já não soffria a menor emoção com o annuncio dos differentes programmas de espectáculo.

Os partidos estavam completamente desmoralizados: tinham alternativamente gosado do poder durante um tracto mais ou menos consideravel de tempo, e nem por isso o paiz tinha tido os melhoramentos e reformas cardeaes, que ora uns, ora outros apontavam, e soffregamente exigiam, quando se acham no seo minguante politico.

O rei estava farto de conhecer o character fraquissimo e baixo de quasi todos os que lhe tinham servido de ministros de sua soberana vontade, excepção feita de um ou outro, que a maior prova de energia e respeito que de si mesmo dava, oppondo-se a algumas medidas, que julgava más, foi retirar-se do palco politico, e recolher-se á vida privada, gosando entretanto das vantagens honorificas e pecuniarias ganhadas no plenilunio de suas glorias.

O Dr. Semana conhecia todos os que compunham o circulo politico de Atlantide, estudava a marcha dos acontecimentos; e popular, como se tinha tornado, estava informado de muitos mysterios, que a pouco vigilante policia ignorava, confiada por demais na bonhomia desse povo, exemplo de paciencia e resignação.

As circumstancias pois, em que se achava, faziam que o meo Nhonhô nutrisse serias apprehensões sobre os destinos dessa nação, que elle tanto amava.

CAPITULO XVI.

A revolução é infallivel.— Carta do Dr. Semana ao rei de Atlantide.

Para o Dr. Semana, que tanto se identificára com esse paiz encantado, e que tão profundas observações tinha feito sobre a marcha seguida em todos os negocios do Estado; para elle, que se podia ufanar de ser perfeito conhecedor do terreno social e politico daquella região, facil era tirar acertados corollarios de tudo quanto perspicazmente estudou na direcção governativa dessa nação.

Na sua qualidade de estrangeiro, insuspeito, e portanto imparcial, sua opinião não podia ser averbada de menos nobre, attento tambem o seu elevado character, e reconhecida independencia.

Dotado de intelligencia descommunal, de conhecimentos quasi encyclopedicos, homem da experiencia, e viajante illustrado, ninguem melhor do que o meo Nhonhô podia fallar com maior segurança e acerto sobre os vicios, e virtudes de um paiz, em que ha longo tempo residia, e com cujos naturaes entretinha numerosas relações da mais intima amisade.

Levado pois de um nobre desejo de concorrer, quanto em si coubesse, para a prosperidade desse reino, que elle tanto [presava, não obstante, hesitou por muito tempo sobre se devia ou não pôr por obra um pensamento, que amiudadas vezes lhe afagava o espirito.

Era grave a situação. Lembrava-se o experimentado Doutor da fabula do rei dos animaes consultando seos vassallos para saber se o seo bafo tinha bom ou máo cheiro; e da astuta resposta que um *macaco velho* déra ao leão, dizendo-lhe que por estar endefluxado não podia perceber cheiro algum; pois via que o rei da bicharia matava tanto os que lhe diziam que o bafo cheirava bem, como os que lhe respondiam que cheirava mal, pretextando para a matança a adulação de uns, e o atrevimento de outros. Lembrava-se o Doutor, que a moralidade do apologo se reduzia a mostrar que se é perigoso dar qualquer sua opinião sendo consultado, muito mais perigoso é ainda dal-a, quando ninguem a tem pedido.

Entre estas duvidas vacillou o meo Nhonhô, e esteve perplexo, sem saber se devia ou uão manifestar de um modo solemne o seo parecer, e offerecer conselho ao rei

de Atlantide, receiando até receber por esse serviço carta de conselheiro, que com tão larga cópia se distribuia por *tutti quanti* vestiam casaca.

Mas á vista do modo, por que tudo corria naquella nação, cuja decadencia moral era notoria e quotidianamente progressiva; á vista do que a historia de todos os tempos e de todos os povos mostra e ensina; symptomas precursores de uma crise, de um abalo social faziam esperar inevitavelmente uma tremenda catastrophe politica.

O Dr. Semana não é visionario, nem pessimista; se fosse natural de Atlantide não seria do numero dos *incontentaveis*; mas observador fino, e não susceptivel de erros de imaginação pela calma philosophica de seo illustrado espirito, consultando o barometro social, e o thermometro politico, via approximar-se a tormenta.

O surdo ruido precursor da tempestade sentia-o elle percorrer as baixas camadas da atmospherá popular, com as quaes estava em contacto immediato, enquanto nas altas regiões nem sequer se divisavam signaes de borrasca.

Os pilotos da grande não descuidados pela confiança, que lhes davam as ondas populares, rarissimas vezes embravecidas, e costumados a ver muitas trovoadas, que ou abortavam, ou que pouca duração e intensidade tinham, esperavam poder conjurar as tormentas, que sobreviessem, fazendo ligeiras manobras, não tendo porém nenhum delles.

. o tento
De primeiro amainar que desse o vento.

Ao contrario, jubilosos e saboreando com justa razão o brilhante triumpho alcançado na guerra travada com esse paiz semi-barbaro, pareciam que não tinham de receiar mais procellas, nem contratempos !

Mas os factos da ordem moral estão, como os da ordem material, sujeitos a leis certas e immutaveis ; cuja execução não pôde jámais deixar de realisar-se. Do mesmo modo que na natureza physica, dadas certas causas, são infalliveis os seus effeitos, assim tambem na ordem social realisam-se necessaria e fatalmente as consequencias de certos principios.

Ponderando com madureza tudo quanto uma diuturna observação apresentava ao seo espirito perscrutador, reconhecia o meu Nhonhô que era infallivel uma revolução, uma inversão no regimen daquella sociedade estragada e alluida por tantas causas accumuladas. A tormenta tinha de desfechar mais tarde, ou ~~mais cedo~~ ; a atmosphera estava carregada desse fluido electrico desenvolvido pelo continuo attrito das paixões populares, por longo tempo concentradas, e cuja explosão tinha de ser tanto maior, quanto mais forte houvera sido a compressão sobre ellas exercida.

A revolução era portanto infallivel. Todos sentiam a necessidade urgente de respirar ar puro e livre ; a idéa dessa crise incubava no espirito de toda a população ;

apenas faltava chegar o ensejo opportuno para que a reacção se traduzisse por factos, cuja natureza, vehemencia e alcance a ninguem era dado prever.

O paiz estava dividido em duas grandes turmas; senhores e servos; aquelles tanto mais poderosos, quanto mais restricto era o seo numero em comparação dos ultimos. A mais desigual e injusta distribuição das regalias sociaes entre estas duas grandes divisões; a falta de confiança no cumprimento das leis, muitas destas oppressivas e vexatorias, habitos de corrupção, falseamento das mais puras doutrinas, em uma palavra um justo descontentamento geral á vista dos abusos, e da prepotencia dos senhores para com os servos, tudo denunciava a impossibilidade de manter-se por muito tempo esse estado anomalo, que tem sido em todos os paizes o symptoma precursor e certo das revoluções e do estabelecimento de uma nova ordem de cousas.

Profundamente convicto desta opinião, venceu no meo Nhonhô o desejo ardente de dar franca expansão ao seo pensamento.

Elle habitava um paiz livre, onde era licito a qualquer expender o seo modo de pensar, uma vez que justificasse suas opiniões.

Resolveo portanto dar publico testemunho do seo modo de ver e apreciar o estado, e a situação de Atlantide; e para tornar effectiva essa resolução, occorreo-lhe como melhor alvitre fallar sem rebuço ao povo, dizer-lhe que elle tinha o direito inaufeivel de exigir todo

o bem e prosperidade para a nação, porque era do seu suor, e do seu trabalho que sabia a pesada despesa para a sustentação de um governo, que em vez de encaminhal-a na senda do progresso e da liberdade, hypocritamente zombava de sua paciencia, bonhomia, e excessiva tolerancia ; mostrar-lhe que as nações não são mais do que grandes corporações, que delegando seus poderes, e subsidiando um limitado numero de individuos, denominado—governo,—encarrega-o de velar pelo bem geral da communhão, e tem por isso todo o direito de tomar-lhe rigorosas contas no desempenho desse mandato.

Mas uma reflexão fez-o mudar de parecer. Um appello, embora justissimo, ás massas populares, que na situação, em que se achavam, prorromperiam in continenti, apenas a faísca da palavra tocasse o coração, e o cerebro do povo, tinha o inconveniente de produzir uma erupção, que na cega violencia do seu arrojio poderia iudistinctamente envolver no fumoso jacto de sua lava innocentes e culpados ; como sóe acontecer nessas tempestades populares, nesses terremotos, que engolindo thronos, e afundando palacios, soterram ao mesmo tempo as modestas habitações do plebeo, e do proletario !

O meo Nhonhô não quiz que lhe imputassem o papel de conspirador, não quiz ser denominado—*rerum novarum studiosus*, Outro expediente mais directo suggerio-lhe então sua sempre fecunda imaginação. O Dr. Semana devia dirigir-se ao rei de Atlantide, fallar-lhe

em termos claros, e mostrar-lhe que o *veritas odium parit*, se tem para com todos realisação infallivel, não a pôderia ter para com o monarcha deste paiz; porque era um rei philosopho. Longe portanto de temer rancores e odios pelas verdades, que lhe expuzesse, esperava o meo Nhonhò, e com todo o fundamento, que este monarcha ao ouvir o conselho desinteressado de uma autoridade como o Dr. Semana, reconheceria em sua consciencia a justiça e a razão, não obstante não ter até então remediado tantos males; talvez por causa desse encantamento, unica explicação possivel para o meo Nhouhò, quando pelo conhecimento proximo que dõ rei tinha, e de suas qualidades moraes, e intellectuales, via que elle deixava correrem as cousas de um modo inconveniente e perigoso para a nação, e até para elle proprio.

E decidindo-se, sem mais hesitar abraçou este ultimo parecer.

Foi pois em virtude dessa resolução, que em uma carta escripta ao monarcha de Atlantide, elle lhe expôz o que pensava sobre esse magnifico e bello paiz.

Nos apontamentos do meo Nhonhò vem integralmente essa carta, da qual apenas extrahi alguns trechos que tocam sobre generalidades, omittindo muitos pontos, em que o Dr. Semana com a mais estoica firmeza, e coragem apontava nomes, e citava factos comprobatorios do pessimo estado, em que se achavam as cousas de Atlantide.

Vou dar aos meos leitores esses trechos da carta dirigida pelo meo Nhonhô ao soberano de Atlantide. Eil-a

.
.
.

Senhor.—Entre as maiores desgraças, que podem affectar o homem, avulta e sobresahe a de ter nascido, ou de haver sido feito — rei.— Quando Damocles, por baixa adulação, ou por inepecia exaltava a fortuna, o poder, e a grandeza do tyranno de Syracusa, Dionysio castigou-lhe aquelle ignobil sentimento, ou corrigio-lhe o erroneo juizo, mandando-o dormir, se podesse, no seo regio leito ornado de ouro, e de purpura, mas de cuja cupula pendia presa por delgado fio de cabello uma espada, que a todo o instante, e ao menor movimento ameaçava traspassal-o !...

Aquelle máo rei symbolisou dest'arte, e com perfeita fidelidade a condição desses grandes infelizes, chamados — reis,—de quem hoje nem mesmo o vulgo ignaro inveja a sorte.

Essa espada que pendia do leito do tyranno é a mesma, que em todos os regios leitos continúa sempre a perturbar o somno de seos possuidores, embora muitos delles pelo progresso do mundo não se assemelhem ao barbaro Dionysio.

No vosso regio leito, senhor, creio, estou bem certo que não oscilla essa espada; por que pareceis desejar o bem do vosso povo, embora não tenhaes realisado esses

desejos; mas por melhor que seja a vossa intenção, se não a traduzis por factos positivos, a nação em seo justo desforço pode, e ha de um dia levantar-se como um ponto de interrogação colossal, animado, e atterrador.—O chefe de uma nação é, dadas as devidas proporções, o chefe de uma grande familia; a humanidade nos primeiros tempos representa a minoridade do homem; e é por isso que os governos dos seculos transactos exerciam sobre os povos um poder absoluto, e até despotico, como os paes que na infancia dos filhos os dirigem e governam tendo só por lei a sua vontade absoluta. Mas á medida que a humanidade cresceo em idade, e que a razão mostrou-lhe os seus direitos, esses directores das nações foram tambem modificando o arbitrio e absolutismo de sua vontade, e fazendo as devidas concessões aos povos, como o pae de prole adulta, que sem nada perder de sua natural superioridade respeita e reconhece os direitos do filho, quando toca a virilidade.

O povo, que vos está confiado, é uma porção dessa humanidade que, se acha na sua época viril; |e o vosso governo, e as leis do paiz, que dirigis, assim o parecem reconhecer.

Infelizmente porém é só apparente esse respeito aos direitos do cidadão; é ficticio o apparatus de liberdade, que julgam gozar os filhos de Atlantide. D'aqui resulta, senhor, que tanto mais doloroso é para o vosso paiz esse absolutismo, quanto elle se mascara e acoberta com o ourovel da liberdade.

Parecendo difficil a regeneração do systema, que rege esta nação, de que sois o chefe, nada entretanto é mais facil de obter, uma vez que haja firme resolução de acabar com os abusos de toda a especie, abusos, que são a causa e origem da corrupção, descrença, e abatimento, em que progressivamente se vae despenhando o vosso reino.

Na grande familia nacional succede o mesmo que no lar individual: vejam os filhos e famulos o desprezo das regras do justo e do honesto; a imitação desses máos habitos não tardará, e as consequencias serão a desordem entre os membros da familia, a confusão dos direitos, e deveres, a discordia domestica, e por fim a anarchia!

Quem desapaixonadamente vos tiver estudado os actos, ainda os mais simples da vossa vida publica e privada, lamentará que essa intervenção indebita, que essa interferencia incompetente, de que vos accusam, (mas da qual os vossos accusadores são os unicos culpados) não a tenhaes applicado de um modo mais util ao paiz, e por consequencia a vós mesmo.

Não vos falta nem penetração, nem sagacidade sufficiente para conhecerdes os homens, que alternativa-mente vos tem cercado: da sua fraqueza, de sua excessiva e até culposa docilidade vos deveis ter muitas vezes envergonhado, reconhecendo no intimo de vossa consciencia que essa independencia por elles affectada para com o povo é perante vós a mais passiva subser-

viencia.— São elles proprios muitas vezes os que por causa de um mal entendido temor de cahir no vosso desagrado vão adiante de desejos, que não tendes, mas que imaginam que nutris, chegando ao ponto de insinuarem e abertamente declararem que tal é a vossa vontade.

Com taes homens o paiz nunca medrará, e o seo monarcha correrá perigo.

Os que, á maneira de militares fanfarrões, proclamam a maxima de que muitas vezes convem *resistir ao rei para melhor servir ao rei* devem por certo ter-vos feito rir secretamente, ao vel-os fazer-vos *essas resistencias*, que mais verdadeiramente se devem chamar *doces violencias*. Com taes homens a felicidade de vosso paiz só está em não terdes um coração feroz, e instinctos crueis, porque taes servidores do Estado seriam os mais obediêntes ministros de vossas vinganças e caprichos.— Mas, dir-me-heis, senhor, que fazer? onde procurar esses caracteres nobres, verdadeiramente varonis, e dedicados á cousa publica, se devo circumscrever-me ao circulo politico, que é, segundo descreveis, com poucas e honrosas excepções, assim composto?

Eis aqui o ponto cardeal. E' de certo no circulo dos que se occupam da politica, que deveis escolher os que hão de administrar a nação; mas uma longa experiencia já vos tem cabalmente mostrado que com as leis existentes não ha possibilidade de melhoramento. O vicio está nessas leis, intencionalmente feitas para as

conveniencias governativas : não é só da sua má execução que o mal procede, como em geral o acreditam os que superficialmente estudam o vosso paiz. O abuso é inseparavel das cousas humanas, bem o vejo ; e por melhor que seja a lei, póde o executor abusar della ; mas quando a propria lei já á presta-se ser facilmente illudida, não ha homem por melhor, que não se aproveite, podendo, dessa aberta para suas conveniencias, principalmente entre politicos. Evitem-se pois, quanto fôr possível, taes leis, verdadeiros instrumentos de fraude ; e embora não se possa contar com executores fieis, sempre resta a certeza de que mais difficil será o abuso, quando ellas houverem sido dictadas por um espirito verdadeiramente recto. — Não vos posso, nem devo, senhor, desenvolver aqui um plano de reforma para a vossa nação ; mas um meio ha de marchar com alguma segurança para um melhor estado de cousas. Os homens da politica militante, que se exprobram mutua e alternadamente as faltas e defeitos de suas respectivas administrações, quando estão ora no poder, ora na decadencia, já vos são perfeitamente conhecidos : bem poucos d'entre elles, quer d'um, quer d'outro lado merecem fé para com o povo. Mas d'entre esses, aquelles raros, em quem ainda se possa aproveitar alguma cousa util, que vos auxiliem na tarefa, em vista sabida influencia que sobre todos elles tendes. D'entre as numerosas vozes que clamam pela imprensa, apontando reformas salvadoras, e indicando quaes as de mais de vital interesse, e urgente

realização, colligi o que fôr notoriamente útil, e iniciae vós mesmo a regeneração do vosso paiz.

Sei que no pensar de Benjamin Constant é exigencia absurda, e estúpida querer que os senhores do poder dêem voluntaria e espontaneamente aos povos a liberdade; mas sem totalmente discordar dessa valiosa opinião, e fazendo applicação ao vosso paiz, e ao vosso character, ninguem mais interessado do que vós poderia fazer essa doação, que está na vossa propria conveniencia.— Se é certo que o poder não faz voluntariamente a concessão da liberdade, a que todos os povos tem direito, não é menos exacto tambem que os povos sabem obtel-a, e extorquil-a á viva força, quando assim se faz necessario.— Não vos direi, como Scevola ao rei Porsenna, o numero dos que estão profundamente descontentes, nem se conspiram como os companheiros do celebre Romano; porque quero crer que o vosso povo a unica e maior queixa que de vós tem, é não tomardes francamente a responsabilidade de vossos actos, visto que lhe dizem os vossos ministros que intervindes indebitamente em muitos, ou em todos os negocios. Fazei vós mesmo a revolução, antes que o povo a faça: o movimento, que do alto vier, não será violento: a pedra lançada de cima vem directamente tocar a terra obedecendo á gravitação, e não necessita de impulso algum; basta soltal-a d'entre os dedos; entretanto que quando arremessada de baixo para o alto reclama o emprego da força impulsora, que é tanto maior, quanto mais elevado é o alvo á que a arrojam.“

Não desejando fatigar os meos leitores, deixo de transcrever muitos outros e longos periodos desta carta pelo meo Nhonhô escripta ao rei, sendo bastante dizer-lhes, que nella tocou o Dr. Semana e desenvolveo todos aquelles pontos, que na maior parte dos capitulos de sua biographia eu ligeiramente esbocei. Para confessar toda a verdade devo declarar, que muitos pontos, de que nesses capitulos tratei, foram escriptos sob a inspiração da referida carta; cujas linhas finaes diziam assim:

.
„Um triumpho brilhante acaba de coroar os esforços, e fadigas do vosso povo; um inimigo tenaz e barbaro foi vencido, completamente derrotado no exterior; mas não podeis, senhor, nem deveis descansar sobre os louros da victoria. Outro inimigo não menos formidavel ahi está junto de vós; elle vos cerca de todas as partes, e tal é a sua força, que nao ha vencel-o. E' a nação inteira, é esse immenso gigante chamado—povo,—que assim como póde em um dia de regosijo pela victoria de suas armas saudar com vivas entusiasticos o seo monarcha, póde igualmente, passado o momento de sua alegria, e contemplando a oppressão, em que vive, lembrar-se que é nelle que reside realmente a força, e o soberano poder; e assim forte, e cheio de razão pedir-vos rigorosas contas. O vosso juizo prudencial, illustração, e madureza, apezar dos poucos annos, assás comprehendem que os que mais torpemente vos adulam agora, serão os primeiros na hora do perigo a fugir-vos, e a esquecer-se de

todos os beneficios e honras, que tão profusamente lhes tendes feito: vós bem conheceis esta verdade, de que a historia dos reis dá milhares de exemplos.

Sei que neste ponto não nutris illusão alguma; e esta é uma das causas que muito tem concorrido para que sejaes menos infeliz. Poucos monarchas tem tido a fortuna de dirigir um povo nas circumstancias do vosso; povo exemplar, discreto, mas que já tem mostrado que tem um limite a sua tolerancia.

Fazei pois, senhor, vós mesmo a revolução; antes que o povo a faça.“

CAPITULO XVII.

O Dr. Semana sabe de Atlantide em um balão, e vem cair no Brasil.

A carta, que o Dr. Semana escreveu ao rei de Atlantide, fôra publicada em um dos jornaes do paiz. A publicação de tão importante peça produzira notavel impressão: repetio-se mais de uma vez a edição da folha, e em outra cousa não se fallava em toda a cidade.

Teve o meo Nhonhô immensas felicitações; mas em compensação os ministros, figurões, e actores mais notaveis do theatro politico interromperam as suas relações de amisade. A policia pareceo acordar sobresaltada por um pezadello, e esfregando os olhos duvidava ainda do que lia. Fallou-se em deportação, em responsabili-

dade, e uma vigilancia insolita começou a desenvolver-se em torno do auctor da respeitosa epistola. O rei porém coherente com o seo character era o primeiro a dizer que muitas verdades havia naquelle escripto, das quaes elle proprio já ha muito tempo estava convencido. Aos bajuladores, que de manso e com pés de lã procuravam fazer cahir o assumpto da conversação sobre a carta do Dr. Semana, facilitava o discreto soberano a franca discussão, e era elle proprio o que mais vivo interesse apresentava mostrando que aquella resolução tomada por um homem tão notavel significava um nobre interesse pelo bem do paiz.

De dia em dia crescia o effeito da missiva, que era o thema geral. A imprensa applaudio, mas não faltaram os costumados artigos anonymos para encher de vituperios o Dr. Semana.

Um dos taes figurões da terra, que muito se dava com o meo Nhonhô, e que era o seo habitual conviva, ao ver semelhante carta deu solemne cavaco. Dizia o Dr. Semana que o que o homem mais sentia era não poder continuar a gozar dos bellos petiscos, com que quasi todos os dias o regalava, porquanto fazia máo ver a sua frequencia em sua casa depois da endiabrada conta.

De que se havia de lembrar então o astuto fidalgo? Por toda a parte começou a espalhar que um inimigo de meo Nhonhô fizera aquella publicação, que embora assignada na imprensa pelo Dr. Semana, não tinha a sua responsabilidade; cousa, que em Atlantide é vulgaris-

sima, e todos os dias acontece. Havendo divulgado este boato, foi, como de costume, ao jantar, que tinha sempre numerosos apreciadores, e por essa occasião mais ainda. Entre a sopa e o cosido começou o finorio a fallar no sentido do boato, que elle proprio espalhára, travando-se o seguinte dialogo, textualmente copiado dos apontamentos de que me sirvo para esta obra.

.

— Ha homens para tudo, doutor ; veja que refinada astucia para malquistal-o com todo o paiz, e para com o rei.

— Pois crê que foi algum inimigo meo o auctor dessa carta ?

— Creio ; estou certissimo ; a policia, julgo eu, já descobriu quem é, e elle ha de ter a recompensa !

— Mas é admiravel a finura, e tino da policia !

— Em um caso destes, de tanta gravidade, era impossivel deixar-se impune um perturbador da ordem publica : todos os esforços se deveriam fazer, e foram feitos.

— Porém talvez a policia se engane, e soffra o innocente pelo peccador.

— Está descoberto, doutor, com toda a certeza o auctor dessa publicação incendiaria.

— Então o tal Catilina....

— Não sei si se chama Catilina ; (aqui ha uma nota nos apontamentos do meo Nhonhô, que diz assim „ *Que grandissimo parvo !*) porém o que lhe posso affirmar é que o descobriram.

— E por onde ?

— Pelo estylo!

— E' verdade: diz o naturalista Buffon que o estylo é o homem. Ora vamos á sobremesa.

— Que é magnifica, doutor.

— E ao Champagne; chegue o copo; vamos fazer á saude do auctor da carta. A' minha saude, Excellentissimo! Pallido, e tremulo, o figurão não sabia se bebesse, ou deixasse de apreciar o espumante licor; e com voz tremula, e riso amarello, tocou o copo do Dr. Semana, dizendo:

— Este doutor tem sempre o espirito disposto para o gracejo.

— Não é gracejo desta vez, Excellentissimo; estou fallando com toda a seriedade.

Então começou o meo Nhonhô a desenvolver as suas idéas, e o Excellentissimo, que já estava regalado, sentio-se encommodado, e pedio venia para retirar-se. Não o fez porém, sem que ouvisse do Dr. Semana a noticia de que em certo e determinado dia, que estava proximo, elle dava um grande saráo, com lauta ceia; pretendendo convidar os altos representantes do governo, policia, e todas as autoridades mais elevadas, perante quem ia solemnemente explicar o seo procedimento.

Esta nova tranquillizou duplamente o escrupuloso fidalgo, por saber que havia grande ceia, e por esperar que, dada a explicação, não correria mais perigo a continuação das suas visitas ao Dr. Semana.

Com effeito o Dr. Semana dirigio delicado convite a todas as pessoas mais gradas de Atlantide, dando-lhes a entender nesse convite que o fim politico do baile era explicar-se, e mostrar o verdadeiro sentido de suas opiniões.

Sabia o meo Nhonhô que a maior parte das altas auctoridades, mais realistas que o rei, pretendia surprehendel-o; que a policia tinha tomado suas medidas e precauções, mas nunca tão perfectas, que elle não podesse saber com toda a precisão o dia, hora, e modo, por que o plano policial ia realizar-se.

Assim miudamente informado pelos seus secretos e vigilantissimos agentes, marcou para o saráo exactamente o dia, em que sabia que ia ser pela auctoridade obrigado a sahir incontinenti de Atlantide.

A festa preparada foi magnifica: os salões do palacete do Dr. Semana pareciam habitações de Fadas: o luxo mais deslumbrante, e a riqueza mais pasmosa revalisavam com o esmero e gosto mais apurado das decorações. Tudo era grande, opulento, bello, encantador.

O meo Nhonhô recebia os seus convidados com um apparatus quasi régio. Uma orchestra excellente enchia de torrentes de harmonia os vastos salões, profusamente illuminados.

A companhia era numerosa; o palecete regorgitava de cavalleiros, e damas; o ouro das fardas, os brilhantes das condecorações, os sumptuosos trajes do bello sexo, tudo dava ao baile um encanto, e belleza poucas vezes vistos.

Nas mesas, em que a ceia era servida, immensas, e cobertas dos mais exquisitos manjares, resplandeciam entre as mil peças de finissimo crystal, e delicada porcellana, elegantes talheres do precioso metal, que a humanidade tanto cubiça

Nada faltava para que a reunião merecesse a justa denominação de completa, e magnifica.

O vasto jardim, immediato ás salas, em que se dava a ceia, estava caprichosamente illuminado ; e para que o divertimento tivesse alguma cousa, que se apartasse do commum, havia o Dr. Semana feito saber nessa mesma noute aos seos convidados, que um estrangeiro recém-chegado subiria em um balão, que tinha de sahir do jardim de seo palacete.

Passou-se a noute inteira em danças, e folguedos, e chegada a hora da ceia, levou o amphitrião os seos convivas ás salas, onde aquella os esperava.

Nada escapava entretanto á perspicacia do meo Nhonhô : no meio da vasta multidão, que lhe enchia os salões, conhecia elle os que estavam encarregados de receber á senha para no momento aprasado agitarem um tumulto, e arrebatá-lo para bordo de uma embarcação já prompta para pôl-o fóra de Atlantide. O momento designado era aquelle, em que na maior effervescencia do banquete, ao estourar das rolhas do Champagne, e dos brindes entusiasticos, reinasse maior confusão.

Apenas o Dr. Semana conheceo que se ia aproximando o fatal momento, a um signal, que com os seos já

tinha convencionado, preparou-se para ir de um salto ao jardim.

Com effeito chegado esse instante por elle combinado, muitas vozes ao mesmo tempo bradam :

— La vae o balão ! Era a senha para o meo Nhonhô. Ao ouvir taes palavras toda a companhia desejosa de assistir á ascensão, voltou-se como um só homem para o lado, d'onde vinham aquellas palavras.

A esse tempo porém já o Dr. Semana havia galgado a porta, que dava para o jardim, e de pé sobre a barquinha, do balão, olhando risonho para os seos convidados estupefactos, com um signal de cabeça, mandou soltar o seo carro aerostatico pronunciando nitida e sonoramente estas palavras :

„ *Deos véle sobre Atlantide.*“

— E esta !.. foi a geral exclamação ainda ouvida pelo meo Nhonhô, e proferida por quasi todos quantos acabavam de presenciar a prodigiosa scena.

Comprehendem sem duvida os meos leitores, que contando eu a vida e feitos do Dr. Semana, extrahidos de seos proprios apontamentos, e havendo elle deixado por este modo aquelle paiz encantado, não poderia saber o que se passou depois da sua sahida ; e nem eu por tanto dar informações dos successos posteriores á sua ascensão.

Tinha o meo Nhonhô por seo grande talento e profundos conhecimentos descoberto o meio de dar direcção aos balões ; nunca porém quiz publicar o seo descobri-

mento, em quanto não achasse tambem um systema seguro e bem combinado de evitar o contrabando, e muitos outros males que esse invento acarretava.

Não tinha em mente fazer monopolio da descoberta, mas queria, quando a publicasse, acompanhal-a dos necessarios correctivos referentes aos máos usos, a que aquella novidade sem duvida daria origem.

Senhor por tanto desse segredo, tencionava elle, quando se elevasse a certa altura, orientado pela agulha, e tomando um rumo conhecido, drigir-se a algum dos paizes da Europa.

Mas o *homem propõe, e Deos dispõe*, diz o annexim popular. Por infelicidade, uma das peças mais importantes do aparelho, com o qual elle devia dirigir o balão, estava quebrada ! Descer de novo á Atlantide, era alem de ridiculo, perigoso : que fazer ? Entregando-se á Providencia Divina, sentou-se sobre a barquinha, e deixou-se levar á mercê dos ventos ! A noite, que até então estava linda e esclarecida pela lua, de repente tornou-se tempestuosa : as rajadas de vento augmentavam cada vez mais de intensidade. Uma tempestade tremenda desencandeou-se, e o meo Nhonhô suppunha-se totalmente perdido !..

Sem poder calcular o tempo, que durou a tormenta, sentio depois que a violencia do vento ia diminuindo ; vio raiar o dia ; e esse espectaculo, que para todos é sempre alegre, e animador, foi para o Dr. Semana um motivo para mais horrorisado ficar da sua incrível si-

tuação! Elle via a vasta extensão do oceano sob seos pés, e por sobre sua cabeça um espaço infindo, illimitado!

Ponto microscopico naquella immensidade, figurava-se o meo Nhonhô tão pequeno, como esse grão de finissimo pó, que o vento agita nos ares!

Seo espirito philosophico porêem não o desamparou! Diante da immensidade do mar, e do céu, desses dous emblemas, que ainda assim não dão perfeita idéa do infinito, na mente apavorada vagavam-lhe estas duas idéas oppostas—Deos—e o atomo!—

Mas o balão seguia, seguia, como se a mão da Providencia o guiasse: o ar estava puro, e tranquillo; e a direcção que o aereo navio levava era sempre d'oriente para occidente!...

Onde me arrojará o meo bizarro destino? começava elle a pensar, já resignado, e como que habituado áquella especie de viação. As provisões de bocca estavam quasi a findar; o Dr. Semana sentia-se enfraquecer... algumas vezes por elevar-se o balão a desmesurada altura, sentio elle um frio horrivel, e o sangue refluir-lhe para o cerebro, e pulmões... mas não quiz Deos que terminassem alli seos dias. Por duas occasiões sómente correo elle esse perigo; mas depois conservou-se sempre o balão em altura, que não prejudicou-lhe a vida.

Então ao amanhecer de um bello dia, distinguio o Dr. Semana como que um vulto colossal, e escuro, que a seos olhos se affigurava um homem de gigantesca altura deitado de costas sobre o mar!.. Quanto mais fi-

xava suas vistas, tanto mais a illusão augmentava... O balão foi-se approximando; então o vulto gigantesco foi-se transformando, desaparecendo, e mostrando a sua realidade, isto é, montanhas de fôrmas diversas, e de diversas alturas.

Era o gigante que deitado vela sobre os destinos da formosa bahia de Guanabara!... O balão pairava sobre as aguas de Nictheroy!... o Dr. Semana estava no Rio de Janeiro!...

Aqui devo eu dizer aos meos leitores algumas cousas, que elles ignoram, por nunca haverem sido publicadas, mas que nem por isso deixam de ser verdadeiras.

O observatorio ao ver aquelle globo no espaço, como a atmosphaera estava nessa occasião algum tanto enfumaçada, julgou um phenomeno meteorologico, e preparou uma noticia para no dia seguinte ser publicada, que consistia em dizer que um immenso aerolito tinha cahido sobre a bahia do Rio de Janeiro.

Um amator de astronomia mandou logo convidar os seos amigos para virem com elle observâr um cometa, que arrastava comsigo uma massa destacada de algum planeta; e assegurava que o cometa tinha uma linda cabelleira, mas não *cauda*. A illusão do amator era desculpavel, á vista da cabelleira do Dr. Semana. Finalmente, ás 10 horas pouco mais ou menos da manhã cahia o balão com o meo Nhonhô no antigo largo do Paço, hoje praça de D. Pedro II! Todo o povo absorto via vir descendo aquelle artefacto maravilhoso, e mil eram as

conjecturas, que se faziam. Uma barata de mantilha disse que era anti-christo; um velho phrenetico, e ralhador affirmou que era o diabo em carne e osso; e emquanto estas scenas se passavam, eis que toca a terra o Dr. Semana exactamente ao pé de um circo de cavallinhos de páo, que na referida praça, com licença da Camara Municipal, se havia erigido, e onde juntamente com aquelle divertimento se lia a *buena-dicha* a quem queria dar alguns cobres.

Mal tinha o meo Nhonhô posto o pé em terra, apparece-lhe o Castro *Urso* a offerecer-lhe bilhetes de loteria; e logo depois o reverendo Quelé a pedir um vintem! O Dr. Semana comprehendeo que a lingua, que ouvia fallar, semelhante ao do latim, era sem duvida a portugueza; e desde logo reconheceo achar-se na America do Sul, no Brasil com certeza, e provavelmente na capital desse Imperio.

Sem mais hesitar dirigindo-se em francez a um individuo, que lhe pareceo dessa nacionalidade, perguntou-lhe onde encontraria um hotel. Informado do que desejava, estabeleceo-se no que lhe foi indicado, e ahi quiz a sua boa estrella que achasse um inglez, antigo conhecido e companheiro, com quem muito viajára pela Europa, havia alguns annos. Esse inglez foi o seo *Ciceroni*; e como tinha grandes relações no paiz apresentou ás pessoas mais gradas do meo Nhonhô, que dentro em alguns mezes recebeo seos capitaes no Banco de Londres.

A todos contava o Dr. Semana as suas aventuras, quasi fabulosas, que entretanto foram acreditadas pelo bom conceito, que sempre tem merecido em toda a parte o seo nome, e a sua pessoa.

Facil lhe sendo estudar, e aprender a lingua do paiz, pelos immensos conhecimentos, que possui de outros idiomas, relacionado com a alta, e media sociedade, em pouco tempo o Dr. Semana parecia ser já um estrangeiro ha longos annos residente no paiz.

Impressionado por tudo quanto vio, e observou em Atlantide, passava elle horas, e horas a fazer comparações, a confrontar os usos, e costumes desses dous povos. Que differença, dizia elle, que dissemelhança em tudo! Nada do que ha de máo em Atlantide vejo nesta abençoada terra! Como tudo aqui é logico, racional, regular, legal! Oh! esta é a verdadeira terra da promessa! A lei das compensações realisa-se em todas as cousas: depois de habitar um paiz, como Atlantide, eu devia residir em outro, que é a sua formal anthithese; que é em tudo o avesso daquelle. As maximas populações encerram sem duvida a sabedoria universal: bem se diz que Deus escreve direito por linhas tortas! Exposto a uma morte quasi certa, vagando nos ares, e depois de ter alguns annos testemunhado com magoa que uma nação, cheia de elemento para ser grande, pela má direcção, que lhe davam, ameaçava ficar totalmente decahida, tenho a ventura de estar habitando um paiz, em que a mais paternal solicidade do governo substitue o

rigor das leis ; em que a mais ampla liberdade felecita todos os cidadãos ! Não ha por certo no mundo inteiro nação igual, nem semelhante a esta ! Como tudo está previsto na sua legislação ! Como se recompensam, como se galardoam tão merecidamente os talentos sem distincção de pessoa ! Como se exerce tão inteira, e imparcial a justiça ! Que moralidade, que decóro em sua administração ! Aqui não se conhece o patronato, o empenho ; tudo se decide com a mais stricta rectidão.

Ditosa condição ! ditosa geute !

Que garantias para os nacionaes ! que agasalho para o estrangeiro, sem que este tenha, como em Atlantide, uma real preponderancia sobre os filhos do paiz ! Que verdade em suas instituições, nunca falseadas ! Que perfeito desenvolvimento na marcha do systema politico !

Assim captivo, e namorado da terra de Santa Cruz resolveo o meo Nhonhô fixar ahi sua residencia. Foi então que tomou-me sob seos cuidados, que amparou-me com seo valimento, e deu-me essa instrucção, de que por modestia não faço agora o merecido elogio.

Resta-me, para finalizar este tosco trabalho, declarar aos meos leitores, que prevenidos, como elles sempre andam pelo estylo sarcastico do meo Nhonhô, não attribuem ás minhas palavras uma segunda intenção, um *arriére-pensée*, como se diz na lingua, em que se canta no *Alcaçar Lyrico* da rua da Uruguyana.

Todos os pensamentos, todas as palavras, e final-

mente toda esta obra, que apresento, não encerram malícia, nem ironia.

Escrevi a *Vida e Feitos do Dr. Semana* na linguagem da verdade, sahida de um coração scm fel, e proferida por labios tão puros, como os de uma innocente creança, que realmente sou.

FIM.



20.3

Rasmus

9-3-70-101

Notes of visit

(1) - of 9

now
10#

ca
cy
11



